

**CONJUNTO HISTÓRICO DA PENITENCIÁRIA DE EASTERN  
STATE  
ROTEIRO DO TOUR EM ÁUDIO**

## LISTA DE PONTOS DE INTERESSE

1. INTRODUÇÃO  
LOCALIZAÇÃO: DE GRAVEL BEACH PARA BLOCO DE CELAS 1
2. PRISÕES ANTES DA EASTERN  
LOCALIZAÇÃO: DA ENTRADA À CELA REFORMADA NO BLOCO DE CELAS 1
- 3 O PRIMEIRO PRÉDIO MODERNO
- 4 A VIDA DE UM PRISIONEIRO
- 5 EFEITOS DO ISOLAMENTO
6. OS RESULTADOS  
LOCALIZAÇÃO: CELA REFORMADA NO BLOCO DE CELAS 1 AO CENTRO
7. REAÇÕES À EASTERN STATE  
LOCALIZAÇÃO: BLOCO DE CELAS 7
8. FINAL DO ISOLAMENTO
9. SÉCULO XX
10. CONCLUSÃO  
LOCALIZAÇÃO: CAMPO DE FUTEBOL

## TOUR DE ACESSO ALEATÓRIO

11. DONALD VAUGHN: ESPORTES

12. SEAN KELLEY: BLOCO DE CELAS 14
13. CAMADA: BLOCO DE CELAS 14
14. DICK FULMER: PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: PEP, O CÃO
15. BRETT BERTOLINO: PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: "SLICK WILLIE" SUTTON
16. ELIZABETH WILLIAMSON: PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: CLARENCE KLINEDINST
17. (A) SEAN KELLEY: PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: ELMO SMITH
18. LAURA MASS: SINAGOGA
19. DONALD VAUGHN: RELIGIÃO NO SÉCULO XX
20. LATEEF OAKMAN: CELA DE AL CAPONE (ARQUEOLOGIA)
21. ELIZABETH WILLIAMSON: LIBERTAÇÃO DE AL CAPONE
22. SEAN KELLEY: CORREDOR DA MORTE (BLOCO DE CELAS 15)
23. BRETT BERTOLINO: FUGA! FUGA POR TÚNEL EM 1945
24. ELIZABETH WILLIAMSON: FUGA! FUGA DE LEO CALLAHAN EM 1923

25. DICK FULMER: O BURACO ("KLONDIKE")
26. CHARLES ADAMS: FANTASMAS: "A EASTERN STATE É MAL-ASSOMBRADA?"
27. STEVE BUSCEMI: FILMADO NA EASTERN STATE
28. SALLY ELK: POR QUE VOCÊ NÃO CONSERTA ESSE LUGAR?
29. IRWIN SCHMUCKLER: BARBEARIA
30. DONALD VAUGHN: ESTUFA
31. (C) DICK FULMER: SEXUALIDADE (PROBLEMAS DO SÉCULO XX)
32. (B) NORMAN JOHNSTON: SEXUALIDADE (PROBLEMAS DO SÉCULO XX)
33. DONALD VAUGHN: COZINHAS
34. SEAN KELLEY: COMIDA DE HOJE NA PRISÃO
35. SEAN KELLEY: RECLUSÃO NA SOLITÁRIA HOJE
36. QUESTÕES RACIAIS NAS PRISÕES DOS EUA
37. SALLY ELK: EASTERN STATE EM RUÍNAS
38. EVA GUTWEIN: HOSPITAL
39. LATEEF OAKMAN: CELA DE AL CAPONE (RESTAURAÇÃO)

40. HENRY ENCKLER: NASCEU NA EASTERN STATE
41. DONALD VAUGHN: DETENÇÃO
42. SALLY ELK: PÁTIOS PARA EXERCÍCIOS
43. KELLY OTTERSON: MULHERES NA EASTERN STATE
44. FRANCIS DOLAN: REBELIÕES NAS PRISÕES
45. SEAN KELLEY: GEORGE NORMAN
47. (D) CINDY STOCKTON MOORE: OUTRAS AUSÊNCIAS
48. WILLIAM CROMAR: GTMO
49. GTMO HOJE
50. NICK GILLETTE: SYDNEY WARE
51. GREG COWPER: ESPÉCIMES
52. JESS PERLITZ: CORAL
53. MICHELLE HANDELMAN: CUIDADO COM A LEI DO LÍRIO
55. JOVENS NA EASTERN STATE
57. JESSE KRIMES: APOKALUPTTEIN:16389067:II
58. JESSE KRIMES: APOKALUPTTEIN:16389067:II  
(PRORROGAÇÃO)
59. SEAN KELLEY: CELA DE CAPONE (ATUALIZAÇÃO!)

- 60 ANNIE ANDERSON: REFLEXÕES DE LGBTI
- 61. ALEXANDER ROSENBERG: UM GUIA PARA O ALPINISTA NA PENITENCIÁRIA DE EASTERN STATE OU A ARQUITETURA DA EASTERN STATE E COMO ESCAPAR
- 62. BENJAMIN WILLS: AVIÕES
- 64. DICK FULMER: PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: PEP, O CÃO (Extensão)
- 67. ILHA PROVISÓRIA: UMA PIPA ELÉTRICA
- 68. RACHEL LIVEDALEN: DORIS JEAN
- 91 TERROR POR TRÁS DAS PAREDES

## **1. INTRODUÇÃO**

### **STEVE BUSCEMI:**

Seja bem-vindo à Penitenciária de Eastern State.

Em instantes, vamos entrar nos blocos de celas, mas nosso tour começa aqui nesta área cascalhada.

Eu sou o ator e diretor, Steve Buscemi. Serei um de seus guias na visita à prisão. Vocês também ouvirão histórias de ex-presidiários, guardas e pessoas que estudaram e preservaram este prédio histórico. Essas são as vozes reais deles.

### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 5:**

Eu estava morrendo de medo. Ninguém sabia o que estava para acontecer.

### **RICHARD GRIFFIN, GUARDA:**

Bom, eu costumava dizer de cara que tentaria matar quem tentasse me ferir. Olho por olho, companheiro.

### **JESSE DIGUGLIELMO, PRESIDIÁRIO:**

Se você olhasse as paredes por fora, elas tinham de 7,5 a 9 metros de altura. Mas por dentro, tinham de 18 a 21 metros de altura.

### **NORMAN JOHNSTON, SOCIÓLOGO:**

A Eastern State é, sem dúvida, a prisão de maior influência que já foi construída.

### **STEVE BUSCEMI:**

Antes de entrarmos nos blocos de celas, sigam a via até a superfície de concreto elevada, de frente para a parede externa.

Eu cheguei à Eastern State pela primeira vez em 1999. Estava escoltando uma equipe de filmagem e fiquei impressionado ao ver essas ruínas magníficas – ainda de pé no meio de uma cidade moderna.

A essa altura, vocês já devem estar na superfície de concreto elevada ao longo da estrada. Vocês estão no interior da primeira verdadeira penitenciária do mundo, um prédio projetado para inspirar a penitência – ou o verdadeiro arrependimento – no coração dos criminosos. Os arquitetos desse lugar acreditavam que todos os seres humanos, não importa seu comportamento, têm algo de bom em seus corações.

Eles acreditavam que a Penitenciária de Eastern State seria uma inspiração para uma nova geração de prisões em todo o mundo, construídas com base no otimismo e na fé no caráter do ser humano. No interior, a Eastern State era progressiva, até mesmo visionária.

Mas do lado de fora... Esta ilustração mostra a Eastern State, isolada no alto do morro, um ano após a inauguração. Vejam as paredes. Elas têm 9 metros de altura – e mais 3 metros abaixo do nível do solo. Vejam os parapeitos em torno do telhado, as torres. Visto do lado de fora, esse prédio era um castelo, uma fortaleza, uma masmorra.

### **ATOR:**

*"Let the avenue to this house be rendered difficult and gloomy by mountains and morasses. Let the doors be of iron; and let the grating occasioned by opening and shutting them extend a sound that shall deeply pierce the soul"*. (Que a avenida para esta casa seja considerada difícil e tenebrosa com montanhas e pântanos. Que as portas sejam de ferro; e que as grades que surgem ao se abri-las ou fechá-las lancem um som que trespasse a alma profundamente).

Benjamin Rush, 1787

### **STEVE BUSCEMI:**

Construído em um local isolado, solitário no alto de um morro, há cerca de um quilômetro de distância da jovem cidade da Filadélfia, esse imenso

prédio foi projetado para dominar o relevo e impor uma ameaça física severa aos infratores da lei na cidade abaixo.

Contudo, a arquitetura gótica da prisão serve principalmente para exibição. Os parapeitos ao longo da parte superior do prédio da administração são falsos – têm apenas a altura dos tornozelos – e não oferecem qualquer tipo de proteção em uma batalha. E vocês podem ter notado que as janelas seteiras altas que cobrem a parede frontal quando se aproximaram da prisão hoje, um tipo de janela visto nos castelos medievais. Bem, elas também são falsas. Agora vocês estão olhando para a enorme muralha vista de dentro, e vocês podem ver que essas esquadrias das janelas não podem penetrar nessas paredes sólidas e inteiriças.

Agora desçam da superfície de concreto elevada e sigam a estrada virando à esquerda logo à frente.

Quando vocês chegarem à entrada do Bloco de Celas 1, no pátio abaixo da guarita do vigia no canto, digite 2 e o botão verde de reprodução no seu Acoustiguide.

## **2. BLOCO DE CELAS 1: PRISÕES ANTES DA EASTERN/ PRIMEIRO PRÉDIO MODERNO/ISOLAMENTO**

### **STEVE BUSCEMI:**

Este é o Bloco de Celas 1. Foi inaugurado em 1829. Vamos entrar. Não tenham pressa e olhem à sua volta.

Há uma ilustração à sua direita. Antes da Eastern State, os criminosos eram enviados a locais como a Penitenciária de Walnut Street, na Filadélfia, para aguardarem sua pena. Vocês podem ver todos os tipos de prisioneiros, homens e mulheres, adultos e crianças, ladrões de menor importância e assassinos, jogados na mesma cela juntos – e largados ali para conspirarem ou brigarem entre si, em espaços lotados e sem aquecimento.

Porém, mesmo sendo tão ruins, essas cadeias não eram projetadas para punição dos criminosos. Eles eram apenas instalações temporárias em que os presos aguardavam por suas sentenças. Surras, açoitamentos, humilhação pública, multas pesadas, execuções em público, todos eram formas de punição típicas dos anos 1700.

Um grupo de americanos proeminentes ficou horrorizado com as condições nas cadeias. Eles se reuniram, logo após a Revolução Americana, na casa de Benjamin Franklin. Sua organização tinha um nome forte no século XVIII: "Philadelphia Society for Alleviating the Miseries of Public Prisons" (Sociedade da Filadélfia para Alívio do Sofrimento nas Prisões Públicas) e foram o primeiro grupo de reforma carcerária do mundo.

Eles acreditavam que os condenados precisavam de tempo sozinhos, em silêncio, para redescobrirem sua natureza do bem.

Os primeiros reformistas prisionais encaravam a reclusão solitário, não como uma punição, mas como uma oportunidade para a reflexão. Uma chance de se tornar penitente.

Nosso tour continua com a ilustração da Eastern State em 1830, ao lado direito deste corredor. Quando vocês estiverem prontos para continuar, digitem 3 e o botão verde de reprodução no seu Acoustiguide.

### **3. O PRIMEIRO PRÉDIO MODERNO**

### **STEVE BUSCEMI:**

Quem teria projetado esta estrutura imensa? O estado da Pensilvânia abriu uma licitação – e foi oferecido um prêmio de cem dólares a John Haviland, um jovem arquiteto formado na Inglaterra. Ele teve de enfrentar um enorme desafio: manter centenas de prisioneiros em reclusão estritamente solitária. Isto pode soar como uma coisa simples nos dias de hoje, mas lembre-se de que, em 1829, nem mesmo a Casa Branca tinha água encanada, e até o presidente – Andrew Jackson – utilizava um penico. Até mesmo os americanos mais ricos aqueciam suas casas com lareiras alimentadas por lenha ou carvão.

Este modelo representa um corte transversal deste corredor como era construído em 1830. Observe que cada prisioneiro aqui tinha sua própria cela – de cerca de 2,5 m por 3,5 m – com uma bancada e um vaso sanitário de ferro fundido em que era possível dar uma descarga por dia.

O arquiteto David Cornelius estuda esses prédios desde 1983. Ele até explorou túneis de serviços que passam por baixo deste corredor.

### **DAVID CORNELIUS:**

Na verdade, havia poucas passagens para se escapar pelo esgoto, mas os prisioneiros geralmente encontravam meios mais fáceis de fugir. Tente fugir de casa pelo vaso sanitário na sua casa [risos].

### **STEVE BUSCEMI:**

Agora lembre-se: quando esses blocos de celas estavam novos, eles tinham uma aparência marcante, semelhante ao interior de uma igreja. As celas tinham piso de madeira e um teto alto e arqueado, quase como uma capela – com uma claraboia arredondada, conhecida como *dead eye* (o olho morto).

Na parte de trás de cada cela, havia uma pequena porta. Essa porta dava para um pátio murado para exercícios, um pouco maior do que a própria cela, mas a céu aberto.

Observem que, no modelo, não há uma porta que ligue o corredor central – onde vocês estão agora – às celas.

As portas que vocês estão vendo agora ao longo deste corredor foram acrescentadas nos anos 1850. Originalmente, havia apenas uma pequena abertura, conhecida como *feeding hole* (abertura para servir comida), através da qual as refeições eram servidas aos detentos. Naquela época, a única forma de entrar nessas celas era pelo pátio de exercícios.

As celas eram aquecidas por um forno localizado em um pequeno galpão no final do bloco de celas. Vocês podem vê-lo na extremidade de trás do modelo.

Haviland projetou um sistema carcerário que permitia que cada prisioneiro fosse mantido inteiramente isolado de seus vizinhos de cela. Foi o fim dos grupos desorganizados de ladrões e prostitutas. Também foi o fim, ou pelo menos assim esperavam, dos surtos de tifo – que também ficou conhecido como Febre das Cadeias nos EUA. Novamente, o arquiteto David Cornelius.

### **DAVID CORNELIUS:**

Tenham em mente que nos anos 1830, os micróbios eram praticamente desconhecidos, as pessoas acreditavam que as doenças se espalhavam pelo ar de má qualidade, o que não é inteiramente incorreto, nem totalmente verdadeiro. E Haviland enfrentou o desafio de que, se sua arquitetura não funcionasse, seus usuários morreriam. O sistema tinha de dar certo. Foi o equivalente a se projetar uma nave espacial nos anos 1830, que teria de oferecer todos os insumos necessários para manter os passageiros vivos.

### **STEVE BUSCEMI:**

John Haviland havia construído o primeiro prédio realmente moderno dos Estados Unidos. Mas seria eficiente para reabilitar os criminosos? Quando vocês estiverem prontos para prosseguir no tour, digitem 4 e o botão verde de reprodução no seu Acoustiguide.

## 4. A VIDA DE UM PRISIONEIRO

### **STEVE BUSCEMI:**

Esta seção do corredor foi reformada e voltou à aparência original em 1830.

Os crimes mais comuns que poderiam levar uma pessoa à Penitenciária de Eastern State eram o roubo, o arrombamento, o roubo de cavalos, falsificação e assassinato. As sentenças eram, em geral, de apenas dois anos, e poucas passavam de oito anos. Naquela época, não existia a "prisão perpétua". E os que eram condenados à sentença de morte eram enviados a outras penitenciárias.

Vejam o interior da célula restaurada e considerem o caso de John Currin, um jardineiro branco de 22 anos de idade, condenado em 1829 por ter roubado o cavalo do vizinho. Ele foi condenado a dois anos de cadeia e pagou uma multa de seis cents. Ele foi o prisioneiro número seis na Eastern State.

Ao chegar na prisão, os funcionários puseram um capuz na sua cabeça – para que ele não pudesse ter noção do layout da penitenciária e para que nenhum outro prisioneiro o reconhecesse quando fosse solto. Ele usava o capuz toda vez que saía de sua cela. Nos dois anos que ele passou aqui, no Bloco de Celas 1, John Currin nunca teve contato com outro prisioneiro.

Currin passava vinte e três horas por dia em sua cela. Ele não tinha permissão para falar com qualquer pessoa, exceto o capelão ou os guardas – que eram chamados de “supervisores”. Ele dormia na cela. Ele recebia três refeições por dia na cela. E trabalhou aqui também. Os detentos fabricavam cadeiras, alguns cerziam tecidos, outros tingiam roupas.

Um supervisor, chamado Allen Fisher, ensinou John Currin a fazer sapatos. Vocês podem ver as ferramentas para fabricar sapatos na bancada em sua cela.

John Currin conseguiu permissão para ter um livro em sua cela: uma Bíblia. Ele sabia ler. A maioria dos prisioneiros não sabia. Ele não recebia cartas de familiares, jornais ou visitantes.

Currin tinha direito a dois intervalos de meia hora por dia. Ele tinha permissão para passar por aquela porta de ferro, nos fundos da sua cela, e sair para o pátio de exercícios para respirar ar puro e sentir o sol na sua pele. Uma vez a cada dois semanas – às vezes três – ele era escoltado desse pátio para tomar um banho.

Vamos nos afastar da cela de Currin e continuar caminhando pelo corredor. Quando vocês estiverem prontos para prosseguir no tour, digitem 5 e o botão verde de reprodução no seu Acoustiguide.

## **5. EFEITOS DO ISOLAMENTO**

### **STEVE BUSCEMI:**

Convidamos a todos a entrar em uma das celas abertas à frente. Elas foram modificadas com o passar dos anos, com piso de concreto e vasos sanitários mais modernos, mas vocês terão uma boa ideia de como era. A regra na Eastern State não era apenas de isolamento, mas também de silêncio. Vinte polegadas de alvenaria separam as celas umas das outras. E os guardas fazendo a ronda nesses corredores usavam meias de lã por cima dos-sapatos, para que seus passos não fizessem ruídos.

O diário do superintendente registra as punições dadas pelos que infringiam a lei do silêncio.

**ATOR:**

“27 de janeiro de 1835: Descobri que seis prisioneiros estavam conversando por buracos feitos ao longo da tubulação de água”.

“11 de agosto de 1840: A prisioneira mil e quinhentos, confinada em uma cela escura, a pão e água, por conduta indevida, por ter gritado e perturbado outros prisioneiros”.

“27 de junho de 1833: Número cento e dois, tendo feito o prisioneiro vizinho conversar com ele em diversas ocasiões e tendo sido flagrado no ato, na noite passada eu ordenei o uso de camisa de força e mordança no prisioneiro”.

**STEVE BUSCEMI:**

Eram tempos difíceis.

**ATOR:**

“Na triste solidão de uma cela sombria, não há um único princípio de redenção. Nada além de um simples passo entre o prisioneiro e a insanidade”.

Presidiário James Morton

**STEVE BUSCEMI:**

Quando vocês estiverem prontos para prosseguir no tour, saiam da cela e digitem 6 e o botão verde de reprodução no seu Acoustiguide.

## **6. OS RESULTADOS/COMPROMISSO ANTES DA LIBERTAÇÃO**

**STEVE BUSCEMI:**

Vocês devem estar de volta ao corredor do Bloco de Celas 1. Prossigam caminhando lentamente pelo corredor e passem pelo portão de ferro. Parem antes de chegar ao portal arqueado.

A Penitenciária de Eastern State era então a prisão maior e mais ambiciosa do mundo. E, pelo menos por um breve período, os homens que administravam a Eastern acreditavam estar no caminho certo.

Mas será que os presidiários se arrependiam e se tornavam bons cidadãos? O que aconteceu com John Currin – o ladrão de cavalos?

Os documentos da prisão mostram que Currin concluiu sua sentença no dia 17 de novembro de 1831.

### **ATOR:**

"O Superintendente relata que John Currin nos deixou no dia 25. É um prazer poder testemunhar sua sobriedade e sua boa conduta até o momento de sua partida, e temos esperança de que ele esteja indo bem".

### **STEVE BUSCEMI:**

Porém, sem o auxílio de fotos ou impressões digitais, os funcionários da penitenciária não dispunham de métodos claros de monitoramento dos detentos após a sua libertação, e os resultados positivos da Penitenciária de Eastern State continuaram sendo tema de debates.

Nosso tour continua no interior da sala redonda, passando pela porta arqueada. Esta sala era conhecida como o "Centro". Deem uma olhada em volta.

O arquiteto John Haviland vislumbrou uma prisão organizada como um cubo e os aros de uma roda – com sete blocos de celas de um andar irradiando deste ponto central. Um supervisor poderia de virar no meio desta sala e enxergar até o final de todos os corredores.

Vocês entraram pelo Bloco de Celas 1 – concluíram a primeira etapa do tour. O Bloco de Celas 2 era para prisioneiras, até que deixaram a penitenciária em 1923. O Bloco de Celas 3 tornou-se, mais tarde, o bloco do hospital – vocês podem ver uma cruz vermelha em um

pequeno círculo no centro do portão de ferro. As amígdalas de Al Capone foram removidas nessa ala em 1929.

O plano original de John Haviland previa, por incrível que pareça, somente 256 presidiários. O estado queria ampliar esse número, com os Blocos de Celas 4, 5, 6 e 7, e o arquiteto foi forçado a construir blocos de celas de dois andares.

O modelo nesta sala mostra a penitenciária completa em 1836. Vocês pode ter uma boa noção da escala do prédio aqui – 4,25 hectares cercados por 800 metros de muros – bem como a parcela do projeto original que representava espaço aberto.

Isto também mudou bastante com o tempo.

Vamos continuar o tour com um viagem pelas passarelas acima dos blocos de celas – conhecida como "galerias". Quando vocês estiverem prontos para prosseguir para o Bloco de Celas 7 – vejam o número no portão – digitem 7 e o botão verde de reprodução no seu Acoustiguide.

## 7. REAÇÕES

### **STEVE BUSCEMI:**

Vocês devem ter acabado de entrar no Bloco de Celas 7. Subam a escada à sua direita. Ela é íngreme, portanto, usem os corrimãos, e subam devagar. Da galeria, vocês têm uma vista magnífica do Bloco de Celas, com seu teto abobadado de quase 10 metros. Acho que é um dos pontos mais impressionantes da penitenciária.

O sistema de isolamento desenvolvido neste prédio tornou-se conhecido como "O Sistema da Pensilvânia", e foi visto com grande entusiasmo, particularmente na Europa e nas colônias europeias.

Uma série de oficiais de governos viajava regularmente à Filadélfia para estudar este prédio, e cerca de trezentas prisões, em cinco continentes, foram projetadas com base no modelo da Penitenciária de Eastern State. Com sua imensa escala, sistemas notáveis de água corrente e aquecimento central, e com seu revolucionário sistema de isolamento de prisioneiros, a Eastern State se tornou uma atração turística com mais movimento do que o Independence Hall.

Mas nem todos os visitantes tiveram uma impressão tão positiva. O escritor inglês Charles Dickens escreveu sobre os dois locais que ele mais gostaria de conhecer nos Estados Unidos: "As Cataratas do Niágara" e a Penitenciária de Eastern State.

**ATOR:**

"Eu considero essa intromissão lenta e diária nos mistérios do cérebro humano incomensuravelmente pior do que qualquer tortura física".

Charles Dickens, 1842

**STEVE BUSCEMI:**

Dickens acreditava que o isolamento na Eastern State poderia levar os homens à loucura e, cada vez mais, ele não estava sozinho.

Quando vocês estiverem prontos para prosseguir, desçam a outra escadaria, com cuidado. O tour continua, passando pelo portão de ferro à sua esquerda, onde há uma fotografia dos presos vestindo uniformes listrados. Digite 8 e o botão verde de reprodução quando chegarem lá.

## **8. O FIM DO ISOLAMENTO**

**STEVE BUSCEMI:**

O Sistema da Pensilvânia, baseado em silêncio e isolamento, concorria com outro modelo – O Sistema de Nova York – desenvolvido em Sing Sing. Vocês podem vê-lo nesta foto. Também em Sing Sing, os prisioneiros eram forçados ao silêncio, mas em Nova York, eles

trabalhavam juntos em silêncio, em oficinas em estilo de fábrica, e faziam suas refeições juntos em refeitórios enormes e silenciosos. Praticamente todas as prisões nos EUA construídas nos anos 1800 tinham o Sistema de Nova York como modelo. Mas na Europa, na América do Sul e na Ásia, era o “Sistema da Pensilvânia” que predominava.

Esse sistema de isolamento física era dispendioso e oneroso, e cada vez mais polêmico. Mesmo na Eastern State, onde foi criado, o Sistema da Pensilvânia foi se desmembrando gradualmente. Até os anos 1870, metade dos prisioneiros da Eastern State já conviviam com um companheiro de cela.

Vamos voltar para o Centro. Os dirigentes da penitenciária estavam determinados a voltar os detentos da Eastern ao isolamento, e começaram a construir novos blocos de celas, entre os sete raios da “roda” original.

Mas o Sistema da Pensilvânia estava condenado. Em 1913, ele finalmente foi abandonado, e os corredores que vocês veem à sua volta, cheios de homens e mulheres que finalmente podiam conversar livremente entre si.

Enquanto vocês estão aqui no Centro, vejam a placa comemorativa de latão da Primeira Guerra Mundial. É um agradecimento aos prisioneiros que serviram seu país, conhecidos apenas por seus números de matrícula na penitenciária.

O tour continua no Bloco de Celas 4 – entrem pela primeira porta à direita da placa comemorativa. Digite 9 e o botão verde de reprodução quando vocês chegarem lá.

## **9. Século XX**

**STEVE BUSCEMI:**

Entrem no Bloco de Celas 4 e caminhem lentamente pelo corredor. Parem quando chegarem às fotos à esquerda. Estes são os sons do século XX na Eastern State.

**MAURICE TALLEY, PRESIDÁRIO:**

Creio que estive lá por três semanas e quando fui para o Bloco Quatro, me lembro que era um bloco antigo; era úmido e cheirava mal. O lugar todo parecia muito frio para mim.

**STEVE BUSCEMI:**

Em 1940, a Eastern State havia se tornado uma unidade de segurança máxima, com os presidiários cumprindo penas de prisão perpétua – ou até sentenças de morte. Mas eles viviam aqui, na célula de um século de idade desta prisão que já fora revolucionária um dia.

Estas são as vozes reais dos prisioneiros e guardas se lembrando desses dias. Alguns desses homens ainda estão presos no estado da Pensilvânia. As histórias duram cerca de cinco minutos. Eles acompanham as fotos ao longo das paredes.

**PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 1:**

Todo mundo era, de certa forma, designado para um trabalho, e esse lugar precisava muito de manutenção. Alguns homens que trabalhavam na oficina elétrica também faziam as vezes de bombeiros, pintores e pedreiros. E o lugar já estava bem envelhecido na época. Quer dizer, muito velho mesmo, de forma que precisava de muita manutenção. Sempre havia alguma coisa...

**PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 5:**

E tínhamos televisores no bloco, em certas épocas. Eles fizeram um cronograma. E tínhamos de cumprir o tal cronograma. Ed Sullivan e Jackie Gleason, todos com penas longas, sabe...

**JESSE DIGUGLIELMO, PRESIDÁRIO:**

O jogo de xadrez. Jogávamos xadrez todos os dias. Todo dia, aproveitando cada minuto que tínhamos. E eu ensinei esse velho guarda, o Sloan, a jogar. Ele adorava o jogo.

Ficávamos ali sentados por horas a fio, ele cumprindo seu dever, naturalmente. Mas ficávamos sentados na mesa, sabe, ele tinha que fazer a ronda, cumprir seu trabalho.

**RICHARD GRIFFIN, GUARDA:**

Alguns homens eram uns brutamontes e pensavam que podiam fazer o que bem entendessem. Mas alguns deles acabavam sendo vítimas dos outros. Quer dizer, sabe, isto aqui era como uma cidade dentro da cidade.

**PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 2:**

Tínhamos um bom time de basquete, até o ponto em que eram presidiários jogando com presidiários. Mas quando jogávamos em um torneio externo, não éramos competitivos. Para começar, não havia aquela mistura. O que havia era os negros contra os brancos. Era esse o jogo. Mas com o passar do tempo, eles acabaram se misturando e se tornaram equipes melhores.

**CHARLES GINDLE, PRESIDÁRIO:**

Isto foi quando eu era novato na cadeia e me perguntaram se eu queria jogar futebol americano. Eu disse “claro”. Então saí da cela, me troquei e saí do bloco, e vi percebi que a camisa dos caras era de uma cor e a minha era de outra. Não entendi o que estava acontecendo. Eu fui o primeiro branco a jogar num time com os negros e atuava mais no campo defensivo do que o próprio zagueiro do time.

**FLOYD WILSON, GUARDA:**

Tinha esse cara de Porto Rico que chegou à Penitenciária de Eastern State, e acho que não sabiam exatamente o que fazer com ele, porque eles mantinham os negros em determinados blocos e os brancos em

outros. Não me lembro de ter visto negros frequentando os blocos dos brancos, ou os brancos frequentando os blocos dos negros.

### **JOSÉ BRIERLEY, SUPERINTENDENTE:**

Alguns dos locais de trabalho da instituição, por exemplo a cozinha, eram dominados por negros. A gráfica e os trabalhos opcionais eram dominados pelos brancos. Então eu formulei um plano para integrar todas as áreas de trabalho primeiro. Esse jovem...

### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 1:**

Bem, a postura na Eastern era bem mais relaxada. E tinha uma coisa: acho que os presidiários eram relativamente mais velhos aqui. Eles se referiam à Eastern como “Casa”. A atmosfera entre guardas e presidiários era bem mais relaxada.

### **RAY BEDNAREK, GUARDA:**

Havia jovens aqui também. Quando digo “jovens”, estou falando de homens de 22, 23 anos, entende? Tivemos muitos desses.

### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 3:**

Era isto que eu tinha na minha cela. Tinha uma cama, uma mesa, uma bancada, um armarinho de madeira e fones de ouvido que a gente podia conectar a quatro canais. Aqui era a saída do rádio, e tínhamos um vaso sanitário e uma torneira.

### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 1:**

Era muito frio no inverno e muito quente no verão. Quer dizer, às vezes a gente tinha de se molhar. Havia ocasiões em que parecia que íamos sufocar dentro da cela. E alguns presos inundavam suas celas. Pegavam baldes de água e jogavam pela cela, pelo chão da cela, já que era tudo de cimento mesmo.

### **MATTHEW EPPS, GUARDA E PRESIDIÁRIO:**

Existem condições, regras e restrições na vida que você não tem como saber se não vivê-las pessoalmente. E não importa o quanto você acredita

ser sensível em relação às condições de outras pessoas ou às necessidades delas. Até que você viva a experiência pessoalmente, você jamais saberá.

**RICHARD PARCELL, GUARDA:**

Sabe, mesmo quando os tempos são bons na prisão, você não dá folga aos guardas. Você precisa estar ciente de que essas pessoas vão tentar fugir.

**JOSÉ BRIERLEY, SUPERINTENDENTE:**

Theron King foi um misantropo muito querido, que muito me impressionava. Conversei com ele várias vezes e não aprendi nada a respeito dele, exceto que ele era um misantropo. Pois é. E Theron Rei havia declarado que não conseguiríamos mantê-lo preso. E ele se associou a esse jovem prisioneiro, condenado à prisão perpétua, Charles Smith, e tentou juntar o material necessário para uma fuga. Nós o pegamos em flagrante e o segregamos, é claro.

**RICHARD PARCELL, GUARDA:**

Frank Phelan era conhecido como *Bird Man* (Homem-pássaro). Devido ao tipo de crime que ele cometia, ele sempre agia como o rei da cocada preta. No Bloco Quinze, onde mantínhamos Frank, ele conseguiu dois pedaços de metal e fabricou facas com eles, depois pregou-as nas mãos com fita adesiva, para que não as perdesse em uma briga. Bem, nós finalmente conseguimos dominá-lo. Ele era o tipo de pessoa em quem você não pode confiar, porque ele te machucaria.

**JOHN MCCULLOUGH, PRESIDÁRIO:**

Se você agredisse um guarda naquela época, a regra era que você apanhava por todo o caminho até a solitária. Não era um bofetão. Não era um chute. Eu nunca vi um detento ir para a solitária com um espancamento simples ou um ferimento leve. Isto era impossível naquela época. As regras...

**CLIFFORD REDDEN, PRESIDÁRIO:**

Na época, eu achava que era um verdadeiro horror, um local de terror. Mas, bem, em Alcatraz, os guardas eram muito brutos. Não era como

aqui. Aqui havia muitos guardas bons. Eram apenas dois que eu sei que eram realmente maus na Eastern State.

**JESSE DiguglieLmo, PRESIDÁRIO:**

Sloan era o guarda no meu bloco. Ele era uma espécie de guardião para mim. Era o tipo de homem que tinha um pouco de coração. No natal, a esposa dele o convenceu a levar todas as decorações de natal que ela tinha feito para o presídio, para que tivéssemos uma árvore de natal.

**PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 1:**

Houve tempos difíceis. Houve vezes em que eu me deitei e chorei, sabe? Eu podia ouvir as pessoas comemorando o ano novo do lado de fora dos muros, e o réveillon, sabe como é, mas...

**JESSE DIGUGLIELMO, PRESIDÁRIO:**

E eu disse: “Assim que eu puser os pés fora daqui, dessa porta de ferro, eles nunca mais vão ver minha cara”.

Porque os guardas costumavam dizer: “Muito bem, nos vemos daqui a seis meses”.

Eu disse: “Tá bem, vai esperando aí. Vai esperando..”.

Tínhamos de passar por três portões antes de chegar à rua. Assim que eu saí, em me virei, olhei para eles e disse: “Tá legal, caras. Fim de papo. Vocês nunca mais vão ver a minha cara”.

**STEVE BUSCEMI:**

Saiam do recinto e digitem 10 e o botão verde de reprodução no seu Acoustiguide para concluir nosso tour.

## 10. CONCLUSÃO

### STEVE BUSCEMI:

Ao deixarem o Bloco de Celas 4, olhem à sua direita e caminhem ao lado do prédio. Ao passarem pela primeira porta baixa, vocês verão um dos pequenos pátios de sobrevivência, utilizados pelos prisioneiros para se exercitarem nos primeiros anos da Eastern State.

Comparem esse pátio ao atual campo de beisebol moderno, logo atrás de vocês.

Olhando daqui, do lado de fora dos blocos de celas, vocês terão uma noção do quanto a Eastern State mudou com o passar do tempo. Vejam a torre central da guarda, com suas passarelas e holofotes. Ela foi acrescentada à prisão nos anos 1950. Atrás dela fica a antiga torre de pedra, construída nos anos 1820. E além dessa torre, vê-se o moderno horizonte da cidade da Filadélfia.

Embora a arquitetura deste prédio tenha sido trabalhada e retrabalhada de forma a refletir as mudanças nas políticas carcerárias, isto não foi o suficiente. Mesmo nos anos 1930, a Eastern State ainda tinha problemas. A prisão era obsoleta; seus sistemas de aquecimento e encanamento já estavam ultrapassados. Os corredores e esses espaços ao ar livre nunca tiveram o intuito de abrigar as grandes quantidades de prisioneiros que acabaram cumprindo pena por aqui. O presídio envelhecia e ficava cada vez mais difícil de gerenciar, sua manutenção mais dispendiosa, e o prédio mais perigoso.

O Estado começou a encerrar as atividades da Eastern nos anos 1960, e em 1971, o grande portão de entrada foi finalmente lacrado...

...dessa vez, para manter as pessoas *do lado de fora*.

O que seria feito desse enorme complexo? A cidade da Filadélfia planejava reutilizar o local como presídio, mas a adaptação do prédio era

comprovadamente cara demais. Decidiram vender o imóvel para uma incorporadora de imóveis comerciais; os planos para este fim, durante os anos 1980, abrangiam condomínios, um shopping center, ou a demolição total.

Porém, às vésperas da decisão de vender o imóvel, uma organização independente de preservadores de monumentos históricos, criminologistas e líderes comunitários saiu-se vencedora na questão. Este prédio, a primeira penitenciária do mundo, certamente deve ser preservado. Mas para quê?

**Diretora Executiva SALLY ELK:**

**SALLY ELK:**

Tínhamos a obrigação de preservar este lugar incrível, estabilizá-lo como um conjunto de ruínas e restaurar algumas dependências que nos ajudarão a contar a história do lugar.

**STEVE BUSCEMI:**

Diretor do Programa de Locais Históricos SEAN KELLEY:

**SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

O sistema prisional americano passou por uma transformação histórica desde o fechamento de Penitenciária de Eastern State em 1970. Muitas dessas mudanças estão ilustradas no Grande Gráfico no centro deste campo de beisebol.

Comece voltando-se para o gráfico do lado que diz "*U.S. Rate of Incarceration*" (índice norte-americano de encarceramento). A partir desse lado, o gráfico ilustra, em relação à maior parte da história dos EUA, que o percentual de americanos em cadeias ou presídios era relativamente estável.

Isto começou a mudar por volta da época do fechamento da Penitenciária de Eastern State em 1970. Aquele ano é representado no gráfico pela

barra vermelha abaixo. Novas leis e sentenças mais longas nos anos 1970, 80 e 90 começaram a aumentar drasticamente o número de homens e mulheres que viviam encarcerados.

A barra vermelha acima ilustra o ano de 2010. Naquele ano, a população carcerária dos EUA já havia crescido mais de 600%. Atualmente, há mais de 2 milhões de pessoas em cadeias e presídios nos EUA, o que custa para os americanos 80 bilhões de dólares todos os anos.

Os índices de criminalidade aumentaram e diminuíram regularmente nas últimas décadas. São altamente independentes dos índices de encarceramento.

Agora, andem para a direita e vejam a borda mais alta do gráfico. A parte superior da barra vermelha ainda representa o índice de encarceramento nos EUA. Vocês vão notar que é o mais alto do mundo, muito à frente dos demais. Todas as outras nações e seus índices estão relacionados logo abaixo.

Nossos visitantes costumam perguntar se alguns países mantêm sua população carcerária baixa porque executam muitos prisioneiros. Para responder a essa pergunta, dividimos a lista em países que aplicam a pena máxima (os da esquerda) e os que não têm pena de morte (os da direita). Percebam que não há um padrão, na verdade.

Vejam a China e o Canadá. Ambos têm um índice de 120 por 100.000 habitantes. A China, à esquerda, é um dos países líderes mundiais em número de execuções. O Canadá, à direita, aboliu a pena de morte.

Vejam os aliados mais próximos dos EUA – países como Canadá, Austrália e as nações da Europa Ocidental – do lado direito do gráfico. Todos mantêm uma média de 75 a 200 prisioneiros por 100.000 habitantes, um índice que equivale a um quarto do índice dos EUA

Finalmente, deem a volta até a extremidade do gráfico. Vocês verão a

população carcerária dos EUA agora desmembrada por etnia em 1970 e novamente em 2010. Notem que o percentual de presidiários brancos tem se reduzido com o tempo, cada vez mais superado por latinos e outros grupos raciais. Mas talvez o fator mais pungente seja que o imenso crescimento da população carcerária nos EUA desde 1970 gerou mais prisioneiros em dos os grupos étnicos.

E por que é que os EUA precisam manter tantas pessoas presas? Quais são as consequências disso? Essa expansão histórica tornou nossas comunidades mais seguras? Podemos continuar a arcar com essa despesa? É claro que essas perguntas são complexas e as opiniões divergem – assim como acontecia quando a Penitenciária de Eastern State era um modelo para o mundo.

Vocês verão nossa nova exposição, chamada *Prisons Today* (as prisões na atualidade), atrás da portão vermelho deste campo de beisebol. A exposição mostra muitas dessas questões com mais profundidade, utilizando vídeos e meios interativos digitais inovadores.

### **STEVE BUSCEMI:**

E assim se encerra a primeira parte do nosso tour. Vocês agora terão a chance de explorar o resto deste fascinante e assombroso monumento por conta própria. Um dos caminhos possíveis é seguir a grande muralha do presídio. Ela passa por diversos blocos de celas que vocês ainda não viram.

Se quiserem nos ajudar a preservar este monumento histórico nacional, sugerimos que se juntem ao nosso programa de associados. Obrigado pela sua visita hoje.

## 11 ESPORTES

### **DONALD VAUGHN, GUARDA:**

Eu sou Donald Vaughn, superintendente da State Correctional Institution em Graterford, mas era guarda da Penitenciária de Eastern State inicialmente.

Com o fim do isolamento individual na Penitenciária de Eastern State, os esportes em equipe se tornaram uma parte importante da vida na prisão. A administração chegou a convidar Babe Ruth para visitar e jogar beisebol com os presidiários em 1928. Os esportes também deram aos funcionários do presídio um meio de punir os prisioneiros que não seguiam as regras, excluindo-os.

Se vocês olharem para a torre central da guarda, vocês verão uma tela de proteção de beisebol. Os dois postes acima são traves para jogar futebol americano. Atrás de vocês, na grande muralha do presídio, vocês podem notar uma linha branca quase apagada. É a linha lateral do campo de beisebol. E em cima do muro, há uma cerca. Ela foi projetada para impedir que as bolas caíssem fora do presídio. Às vezes as bolas eram devolvidas, e nos anos 1960, foram encontradas bolas com drogas ou armas ocultas. O superintendente Joe Brierley, que era o diretor quando eu trabalhei lá, se lembra desses dias.

### **JOE BRIERLEY, SUPERINTENDENTE:**

Ah, esse era um problema interminável. Bolas que eram jogadas sobre os muros com drogas dentro. No início, quando ficamos sabendo que estava entrando maconha no presídio, descobrimos que ela entrava de diversas formas.

### **DONALD VAUGHN, GUARDA:**

Quando vocês caminharem pela área hoje, procurem as quadras de handebol, próximas às torres dos guardas nos cantos do presídio, quadras de shuffleboard pintadas no asfalto, e as quadras compridas e estreitas de bocha nas bases da murada.

## **12 BLOCO DE CELAS 14**

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

Eu sou Sean Kelley, Diretor do Programa aqui no conjunto histórico da Penitenciária de Eastern State. Vocês estão no interior do Bloco de Celas 14. Deem uma olhada em volta. O bloco de celas foi construído cerca de 100 anos depois da inauguração da Eastern State.

Na época em que este Bloco de Celas foi adicionado, a Penitenciária de Eastern State tinha sua população carcerária mais alta: cerca de 1.700 presidiários, incluindo Al Capone, aliás. E já não era mais um modelo de instituição correcional. Esta casamata de concreto era simplesmente a forma mais barata e mais eficiente de a instituição manter seus prisioneiros. De certa forma, o otimismo dos anos iniciais se esvaiu. O nome do superintendente era Herbert E. Smith. Eles o chamavam de Hard Boiled (fervido e duro). Ele declarou que acreditava que um terço de seus homens eram, entre aspas, “insanos, corrompidos ou degenerados”. Os esforços para reabilitação dos detentos era, nas palavras dele, “uma piada”.

Para ouvir sobre a arquitetura deste Bloco de Celas, digite 13.

## **13 BLOCO DE CELAS 14 (EXTENSÃO)**

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

O Bloco de Celas 14 foi projetado por um arquiteto formado em Harvard, que esteve preso aqui, condenado por falsificação. O bloco foi construído pelos próprios presidiários. Tem três andares, as mesmas passarelas e holofotes sobre os corredores que os blocos mais antigos que vocês já visitaram, mas o sistema de isolamento individual já havia sido abandonado quando construíram este bloco de celas, e vocês podem notar as mudanças refletidas na arquitetura.

As barras acima são travessas para impedir suicídios, mas é mais provável que tenham sido instaladas para impedir que os presos empurrassem colegas dos andares superiores. As celas são muito menores, apesar de terem sido projetadas para dois presos em cada, e é claro que não havia mais pátios para exercícios na parte de trás das celas. Mas a principal mudança é o total descaso pelo antigo sistema de vigilância do centro da penitenciária. O projeto deste bloco de celas precisou ser curvo para se encaixar entre os prédios já existentes, portanto, não apenas os corredores têm setores invisíveis do centro da penitenciária, como nem é possível ver o final do corredor da outra extremidade.

## **14 PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: PEP, O CÃO**

### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

Meu nome é Dick Fulmer. Eu era o orientador correcional, uma função de assistência social da instituição. Trabalhei no presídio de 1966 a 1970.

Talvez o prisioneiro mais incomum da Eastern State tenha sido Pep “O cão assassino de gatos”. Pep era um Labrador Retriever negro, admitido na Penitenciária de Eastern State em 12 de agosto de 1924. O folclore e os registros da prisão contam que o governador da Pensilvânia, Gifford Pinchot condenou Pep à morte sem direito à condicional, por ter matado o gato de sua adorada esposa. Os registros da prisão confirmam a história e o número de detento do cão, C-2559, que não consta do registro de admissões do presídio.

O governador, entretanto, conta uma história diferente. Embora a verdade sobre a alegada vida de crimes de Pep possa nunca vir a ser conhecida, em fotografias, Pep, com sua cabeça baixa e suas orelhas retraídas, certamente tem cara de culpado.

### **ATOR:**

[*latindo*] “Cachorro mau!” [*ganindo*]

## 15. PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: "SLICK WILLIE" SUTTON

### **BRETT BERTOLINO, COORDENADOR DO PROGRAMA:**

Eu sou Brett Bertolino, Coordenador do Programa no conjunto histórico da Penitenciária de Eastern State.

William Francis Sutton iniciou sua carreira no crime com um roubo, com apenas nove anos de idade. Nos anos 1930, 40 e 50, "Slick Willie" se tornou um dos criminosos mais conhecidos da América. Ele era um ladrão de bancos extravagante, e um artista das fugas, e costumava ser chamado de "O Ator", porque às vezes ele se vestia como um carteiro, um mensageiro ou até um policial, para roubar um banco.

Há vários relatos de que Sutton, a ser questionado sobre os motivos para roubar bancos, respondia "Porque é lá que o dinheiro está". Mas vale observar que ele passou a vida inteira negando ter dito isto.

Ele foi preso por ter roubado o banco Corn Exchange na Filadélfia, portando metralhadoras, em 1934, e foi condenado a uma pena de 25 a 50 anos na Penitenciária de Eastern State. Enquanto esteve aqui, Sutton tentou escapar pelo menos em cinco ocasiões. Sua última tentativa foi no dia 3 de abril de 1945, junto com onze outros presos, por um túnel escavado a partir do Bloco de Celas 7. Ele foi capturado em poucos minutos, a apenas dois quarteirões da penitenciária. Sutton não pareceu surpreso por ter sido capturado tão rápido. Em sua declaração oficial depois da fuga, ele disse aos funcionários do presídio que, quando ele chegou à rua, estava todo molhado e enlameado. Ele olhou para trás, viu suas próprias pegadas lamacentas pela rua, e soube que estava em maus lençóis.

Para saber mais sobre a fuga de Willie Sutton da Penitenciária de Eastern State, digite 23 e o botão verde de reprodução agora.

## **16 PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: CLARENCE KLINEDINST**

### **ELIZABETH WILLIAMSON, GUIA DO TOUR:**

Eu sou Elizabeth Williamson, guia do tour pela Eastern State.

No final dos anos 1930, um presidiário pacato trabalhou regularmente reparando as paredes de pedra deste presídio. Seu nome era Clarence Klinedinst, e ele cumpriu uma sentença de 5 anos e meio a 11 anos por roubo, estelionato e falsificação, mais o restante de uma sentença anterior, da qual ele estava em liberdade condicional. Todo mundo o chamava de Kliney.

Suas iniciais, CK, estão gravadas nas paredes deste pátio. Vocês podem vê-las na parede à direita deste placa, a parede com duas janelas no nível térreo. Elas estão no alto, logo abaixo do telhado. À direita das iniciais, vocês podem ver o ano, 1938, e à direita do ano, uma carinha sorrindo.

Em algum momento, em meados dos anos 1940, Kliney aproveitou sua reputação como bom trabalhador para se transferir para a Cella 68 do Bloco de Celas 7. Assim que chegou lá, ele utilizou suas ferramentas e seus conhecimentos de pedreiro para começar a cavar um túnel.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE OPERAÇÕES:**

Vocês podem ver os restos do túnel da fuga de 1945 no Bloco de Celas 7 e saber mais sobre a fuga, digitando 23 e o botão verde de reprodução agora.

## **17 PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: ELMO SMITH**

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

Eu sou SEAN KELLEY. Sou o diretor do programa aqui na Penitenciária de Eastern State.

A Penitenciária de Eastern State abrigou alguns dos criminosos mais violentos da Pensilvânia. Um dos prisioneiros mais conhecidos a cumprir pena na Eastern State foi um homem chamado Elmo Smith. Ele foi condenado por estupro, assassinato e mutilação de uma jovem estudante chamada Mary Ann Teresa Mitchell. Ele ficou preso aqui no Bloco 15. Smith foi condenado à pena de morte na câmara de gás da Pensilvânia. Ao proferir essa sentença, a Suprema Corte da Pensilvânia chamou Smith de, abre aspas, "um assassino mortal com luxúria por estupros e um instinto brutal, que age como um homem das cavernas".

No dia 2 de abril de 1962, Elmo Smith foi a 350ª pessoa a ser executada em uma cadeira elétrica na Pensilvânia. E foi a última vez que a cadeira elétrica foi utilizada no estado. Atualmente, há mais de duzentos detentos no corredor da morte da Pensilvânia, e o estado os executa utilizando uma injeção letal.

## 18 SINAGOGA

### LAURA MASS:

Seja bem-vindo para à Sinagoga Memorial Alfred W. Fleisher da Penitenciária de Eastern State. Eu sou Laura Mass. Em 2004, escrevi minha tese de mestrado tendo como tema a história desta sinagoga. Naquela época, a sinagoga estava em estado de ruína. Mais tarde, trabalhei com equipes de arqueologia e conservação que devolveram a sinagoga à aparência que preserva até hoje. Vou mostrar um pouco deste espaço para vocês, mas peço que não toquem em nada. Tudo por aqui é incrivelmente frágil.

OK. Vamos começar pela plataforma elevada no fundo do salão. A plataforma é conhecida como *bimah*. A estrutura de madeira na parte superior é conhecida como *Arco da Torá*. Estas são formas típicas de uma sinagoga. O arco costuma ficar na parede ao leste, voltada a Jerusalém, como esta aqui. Ele abriga a Torá, o rolo sagrado utilizado nas cerimônias judaicas. Este arco foi construído por volta de 1924, quando esta sala foi

convertida em uma sinagoga. Nossa equipe de preservação fez um trabalho cuidadoso nas colunas e na marcenaria originais, começando pela desmontagem dessas estruturas em 60 peças diferentes, e a remição delas para uma oficina externa. Todas as peças foram cuidadosamente restauradas e remontadas.

Acima do arco fica a luz eterna. Seu objetivo é simbolizar a presença eterna de Deus, portanto, ela jamais se apaga. Fica pendurada em frente à tábua dos Dez Mandamentos. A tábua e a luz eterna que vocês veem são reproduções. Utilizamos fotos históricas para recriar os originais, com muito esmero.

As luminárias dos dois lados do arco também são réplicas exatas das que havia aqui quando a prisão foi fechada. Elas formam a palavra *shalom*, que significa “paz” em hebraico. O sala é mobiliada com bancos, também construídos por volta de 1924. Restauramos esses bancos, fabricamos alguns pés novos e substituímos algumas seções de alguns deles. Também fizemos um trabalho extensivo de conservação da madeira histórica utilizada no forro da sala e da parede ao fundo. Para esse trabalho, utilizamos uma prensa a vácuo para reintroduzir adesivos nas camadas deterioradas da madeira.

Embora o interior desta sinagoga provavelmente tenha sido projetado por uma firma de arquitetura renomada dos anos 1920, acreditamos que a maior parte dos elementos de madeira foram construídos pelos presidiários da própria Eastern State. Os pés dos bancos, por exemplo, são um trabalho artesanal adorável, com uma variação perceptível entre eles. Uma marcenaria profissional teria feito cortes mais uniformes.

A mesa alta no meio da sala é a mesa de leitura. É outro elemento típico de uma sinagoga. O rolo da Torá é retirado do arco e colocado na mesa de leitura durante as cerimônias.

O piso desta sala é de ladrilhos de vinil. Era um piso de custo baixo quando foi instalado, mas muitos desses ladrilhos foram danificados a

ponto de não serem mais recuperáveis e não existem mais no mercado. Tivemos de fabricar ladrilhos personalizados para ficarem iguais aos originais.

Na parte de trás da sinagoga, há uma pequena sala. Podem olhar à vontade, mas por favor não abram a porta. Deixamos esta sala fechada propositalmente, devido ao seu estado de deterioração. Vocês podem ver as paredes de pedra expostas, da época em que este espaço ainda não era uma sinagoga, e há evidências de um teto com reboco azulado no canto direito, ao fundo. Acreditamos esta sala tenha sido utilizada para o preparo de alimentos: vejam a pia e as prateleiras. A pequena porta bipartida, em estilo holandês, até parece que foi desenhada para servir como um balcão. Isto provavelmente está associado ao preparo de refeições e à lavagem ritual das mãos. Embora os presidiários aqui não tivessem comida kosher todos os dias, sabemos que voluntários externos costumavam oferecer refeições kosher regularmente em ocasiões especiais, como na páscoa judaica.

Talvez vocês estejam pensando que a sinagoga não se pareça com um ambiente projetado em 1924. Sabemos as datas de instalação dos elementos de madeira pelos relatórios anuais da Eastern State e uma investigação minuciosa da construção. Mas também sabemos, por fotos com datas, que as luminárias, o reboco ornamentado do teto, o piso de ladrilhos e a pintura, cuja correspondência de cores foi cuidadosamente analisada, foram todos adicionados em 1960. Decidimos devolver ao ambiente sua aparência nos anos 1960, para não termos de remover nada que pudesse ser preservado. Um dos elementos mais marcantes deste sinagoga era a porta original, que identificava o ambiente com um local de reverência para os judeus. A porta é frágil e teria sido danificada se a tivéssemos deixado em uso. Mas vocês podem vê-la na exposição de William Portner da Vida dos Judeus na Penitenciária de Eastern State, que é a próxima porta. Obrigado pela visita.

## 19 RELIGIÃO NO SÉCULO XX

### **DONALD VAUGHN:**

Meu nome é Donald Vaughan; eu sou o superintendente do State Correctional Institution em Graterford, e iniciei minha carreira na Penitenciária de Eastern State em 1966.

Nos primeiros anos, o sistema de isolamento na Penitenciária de Eastern State deveria ser uma espécie de experiência religiosa em si. Quando eles desistiram desse isolamento, construíram locais para reuniões em grupo, incluindo uma capela para os detentos cristãos em 1907 e uma sinagoga em 1927. Se você olhar pela porta arqueada, você verá os murais pintados nas paredes. As pinturas têm temas católicos e foram pintadas por um presidiário que tinha experiência na conversão religiosa enquanto esteve preso. Ele assinava as pinturas como 'Paul Martin', os nomes de seus dois santos favoritos.

Vários presidiários aqui, como em todas as prisões, recorrem à religião para estruturar e dar um significado a suas vidas.

### **MAURICE TALLEY, PRESIDÁRIO:**

Acredito que tenha havido alguns seguidores sinceros do cristianismo e do judaísmo e talvez do islamismo, o que também gerou uma certa camaradagem entre os grupos, que tinha a ver com respeito. [...] Alguns companheiros liam a Bíblia para estudar e aprendiam a ler por conta própria. Eu descobri essas coisas. Um companheiro que eu me lembro em particular e que esteve preso aqui, não sabia ler ou escrever, mas costumava levar a Bíblia com ele para onde quer que fosse, e quando ele finalmente admitiu, nós o ajudamos a ler e o que ele queria ler era a Bíblia.

## **20. CELA DE AL CAPONE (ARQUEOLOGIA)**

### **LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

Eu sou Lateef Okaman, guia do tour aqui na Penitenciária de Eastern State.

### **MATT MURPHY, SUPERVISOR DOS PROGRAMAS DE TOUR:**

E eu sou Matt Murphy, Supervisor dos Programas de Tour da Penitenciária de Eastern State.

### **LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

Em 1929, Al Capone viveu nesta pequena área da Eastern State. Naquela época, eles a chamavam de Park Avenue.

### **MATT MURPHY, SUPERVISOR DOS PROGRAMAS DE TOUR:**

Deem uma olhada em volta. Observem como as pessoas mantidas nessas celas estavam do lado errado dos portões que deveriam servir para separar os guardas dos prisioneiros. A tradição oral diz nos que esta cela vazia foi a verdadeira cela de Al Capone, mas não podemos ter certeza. Estivemos estudando esta cela, removendo cuidadosamente a camada superior de reboco para saber qual era a aparência com o passar do tempo.

### **LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

Liz Trumbull é nosso Gerente de Preservação Histórica.

### **LIZ TRUMBULL, GERENTE DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA:**

Quando removemos esta camada superior de reboco, expusemos mais de 20 camadas de pintura ornamental e colorida na superfície inferior, e quando olhamos para a cela, podemos ver as três coisas que mais nos chamaram a atenção. Primeiro, nos dois lados das paredes, há uma listra branca à meia altura. Acima dessa listra branca, há um pouco de tinta azul, que começa escura à meia altura e vai clareando à medida que se aproxima do teto. Terceiro, quando você observa a parede do fundo, à esquerda da claraboia, próximo ao teto, você verá uma listra vertical de

tinta marrom. Essa listra marrom pode ser o último vestígio de um mural pintado nesta parede – talvez o mesmo que está na foto na placa.

### **LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

À esquerda da cela vazia, vocês podem ver documentos sobre a prisão de Al Capone em 1929 na Filadélfia. Digite 39 e o botão verde de reprodução para ouvir mais sobre esses documentos e o período em que Capone esteve aqui na Penitenciária de Eastern State.

## **21. LIBERTAÇÃO DE AL CAPONE**

### **ELIZABETH WILLIAMSON, GUIA DO TOUR:**

Oi, eu sou Elizabeth Williamson. Sou Guia do Tour da Eastern State.

Olhem para o outro lado do pátio, na rua. Aquela porta é a única saída em toda a parede de 800 metros da Eastern State. Com a redução de dois meses em sua sentença por bom comportamento, a libertação de Al Capone estava programada para o dia 17 de março de 1930, e ele deveria ter saído por aquela porta. Mas a saída única representava um problema de segurança.

Jornais relataram que no dia da libertação de Capone, 500 pessoas se aglomeraram nas ruas. Eles estavam desapontadas. O superintendente Herbert Smith havia transferido Capone em segredo para o State Correctional Institution em Graterford, e ele foi libertado naquele presídio, conforme programado e sem incidentes. Em 1931, Al Capone se declarou culpado de evasão fiscal e das acusações de violação de proibições, e passou os próximos sete anos e meio em uma penitenciária federal em Atlanta e em Alcatraz.

## **22. CORREDOR DA MORTE (BLOCO DE CELAS 15)**

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

Eu sou Sean Kelley. Sou o diretor do programa aqui na Penitenciária de Eastern State.

Este é o Bloco de Celas 15. Ele foi concluído no dia 27 de abril de 1959. Estas era as únicas celas realmente modernas na Eastern State, e abrigaram alguns dos criminosos mais violentos da Pensilvânia. Era uma prisão dentro da prisão.

Caminhem para o lado esquerdo do salão, perto das janelas. À sua direita, vocês verão um painel de controle elétrico. O guarda utilizava esses botões para abrir e fechar as celas. Agora olhem diretamente para o fim do bloco. Havia uma série de barras ao longo do centro do corredor, formando dois corredores. Observem a linha no teto e a sequência de pontaletes no piso. O corredor mais próximo das janelas era conhecido como o corredor de segurança, utilizado pelos guardas, e o corredor próximo das celas era utilizado pelos presidiários. O corredor de segurança minimiza o contato entre os funcionários e os presidiários. Mas o superintendente Joe Brierley achava que o corredor de segurança denotava uma fraqueza dos funcionários.

### **JOE BRIERLEY, SUPERINTENDENTE:**

Eu nunca passei pelo caminhar corredor de segurança. Sempre passava pelo corredor dos presidiários. Era meu ego. Porque eu era durão.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

A maioria dos presidiários estava aqui para cumprirem penas severas. Eram tempos difíceis.

### **JOHN MCCULLOUGH, PRESIDÁRIO:**

Tinha uma pequena janela do outro lado da cela, que deixava entrar um pouquinho de luz. Era escuro a maior parte do tempo. Ninguém tinha

qualquer privilégio, também: revistas, livros, visitas, tudo era proibido, e só recebíamos uma refeição por dia.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

Merv Richards, o dentista da penitenciária, se lembra do dia em que foi chamado no Bloco de Celas 15.

### **MERV RICHARDS, DENTISTA:**

Tinha um jovem aqui, de Harrisburg, cuja execução estava marcada para o dia seguinte, por ter matado um guarda durante um roubo a banco em Harrisburg. O homem, que tinha pouco mais de 20 anos, era considerado tão perigoso que eles não permitiam que fosse escoltado até o consultório, nem que eu entrasse na cela dele. Mas eu tinha a missão de tratar desse jovem. O guarda se apresentou com um rifle, ficou de pé encostado na parede externa, sem manter qualquer tipo de contato. Ele disse ao presidiário para chegar a cabeça o mais próximo possível das grades que ele pudesse, abrir a boca e, se ele simplesmente respirasse de forma suspeita, ele estouraria seus miolos contra a parede oposta".

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

O bloco 15 costuma ser chamado de corredor da morte porque os detentos aguardando pela sua execução ficam nesse bloco ou no Bloco 1. Nunca houve uma execução na Eastern State. Porém, quando a data da execução se aproximava, os condenados eram transferidos para a State Correctional Institution em Rockview. As sentenças eram cumpridas nessa instituição.

Agora, saiam do salão e observem o bloco de celas do lado de fora. É uma lembrança da realidade das execuções nas prisões norte-americanas. Embora boa parte da Penitenciária de Eastern State possa ter um ar de ruínas românticas do século XIX, os corredores da morte têm uma aparência curiosamente ultramoderna.

## 23 FUGA! FUGA POR TÚNEL EM 1945

### **BRETT BERTOLINO, DIRETOR ADJUNTO DO PROGRAMA:**

Eu sou Brett Bertolino, diretor adjunto do programa no conjunto histórico da Penitenciária de Eastern State.

Em 1945, a fuga mais famosa da Eastern State ocorreu neste bloco de celas. O presidiário Clarence Klinedinst ficava na última cela à esquerda, número 68. Vamos entrar.

Kliney, como era conhecido, era um bom trabalhador e tinha a confiança da administração. Ele era incumbido de consertar o reboco e as paredes de pedra em toda a prisão. Klinedinst perguntou ao superintendente se ele poderia refazer o reboco de sua própria cela. O superintendente concordou. Enquanto trabalhava em sua cela, Klinedinst começou a cavar um túnel na parede, disfarçando o buraco na parede com um painel de madeira.

Arqueólogos escavaram a entrada do túnel em 2005... vejam como era estreita a entrada!

Depois de mais ou menos um ano cavando, o túnel estava quase completo. Ele tinha 4,5 metros para baixo, mais 30 metros até a Avenida Fairmount, e mais 4,5 metros para cima no final. O túnel foi equipado com luzes e reforçado com escoras de madeira. Entrem no corredor, virem à esquerda e passem para o lado de fora.

Os arqueólogos utilizaram um radar de penetração no solo para identificar o caminho que o túnel percorria. Hoje, há uma linha pintada traçando a rota do túnel. Imaginem quando, no dia 3 de abril de 1945, Kliney e seu companheiro de cela, William Russell, romperam a superfície do solo em frente à Eastern State. Dez presidiários fugiram junto com eles. Um deles era o extravagante ladrão de bancos e gênio das fugas, Willie Sutton. Sutton foi preso em poucos minutos, a apenas dois quarteirões

da penitenciária. E mais tarde, ele assumiu publicamente a autoria do projeto e da construção do túnel.

Klinedinst foi capturado cerca de duas horas mais tarde, e sua pena foi acrescida de três a seis anos.

James Grace surpreendeu os guardas ao voltar para a penitenciária no início da manhã do dia 11 de abril. Ele tocou a campainha e pediu para ser readmitido. Ele estava com fome. Todos os presidiários foram recapturados com o tempo. Os funcionários encheram o túnel de cinzas do incinerador da prisão.

Um vídeo rápido explicando a arqueologia desse famoso túnel pode ser visto se voltarmos para dentro, em uma das celas à sua direita.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

Você pode saber mais sobre "Slick Willie" Sutton, digitando 15 e o botão verde de reprodução; e para saber mais sobre Clarence Klinedinst, digite 16 e o botão verde de reprodução.

## **24 FUGA! FUGA DE LEO CALLAHAN EM 1923**

### **ELIZABETH WILLIAMSON, GUIA DO TOUR:**

Eu sou Elizabeth Williamson, guia do tour pela Eastern State.

Vejam aquela parede. Imagine que você é um presidiário. Como você faria para escalar essa muralha? Observem que a parede é curvada em um dos cantos, para dificultar a subida. Em julho de 1923, seis presidiários conseguiram escalá-la. Um dos prisioneiros, George Brown, era marceneiro, especialista na fabricação de armários. Ele havia construído uma escada na marcenaria da prisão, em pedaços que ele guardava no que parecia ser um dos escaninho dos detentos.

Cinco presidiários acabaram sendo pegos: um deles em Honolulu, no Havaí. Mas Leo Callahan, um prisioneiro com 22 anos de idade, que cumpria pena de 18 anos por roubo, estelionato, assalto e agressão com intenção de matar, nunca foi recapturado. Isto era muito incomum. Dos 100 presidiários, aproximadamente, que escaparam dos 142 anos de operação da Eastern State, Leo Callahan foi o único que nunca foi recapturado. Vejam a foto dele. Alguém viu este homem?

## **25 O BURACO ("KLONDIKE")**

### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

Meu nome é Dick Fulmer. Fui conselheiro correcional, cargo também conhecido como assistente social, na Penitenciária de Eastern State, de 1966 até 1970.

Veja abaixo das escadas à direita da porta. Estas eram celas de punição. Ao final da escada, havia quatro pequenas celas com teto baixo e sem encanamento. O isolamento sempre foi utilizado na Penitenciária de Eastern State, mas seu uso mudou drasticamente com o passar do tempo. No século XX, o isolamento na Eastern State era aplicado como punição. Em épocas anteriores, era a filosofia correcional básica. Em toda prisão, as celas de punição são chamadas, na gíria dos detentos, de "buracos". Aqui na Eastern, esse lugar também era chamado de Klondike.

### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 3:**

Tinha umas celas aqui em baixo que eram muito ruins. Nem colchão elas tinham. Nenum cobertor. Apenas uma cama de aço. Era uma cela muito pequena. As pessoas ficavam de 10 a 30 dias nessas celas, às vezes a pão e água somente, e às vezes com refeições reduzidas. Algo como uma única refeição por dia.

### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

E vou contar para vocês: o efeito de um tempo mais longo no isolamento pode ser traumático.

**JESSE DIGUGLIELMO, PRESIDÁRIO:**

Eu tinha um amigo, na verdade esse carinha aqui, Jimmy Devlin. Esta figura ficou no buraco por 30 dias e, quando saiu, estava praticamente cego.

**DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

Minha primeira designação como assistente social era para trabalhar no bloco de segurança. Eu mantinha as celas de punição e o que me disseram, bem especificamente, as pessoas que me designaram para essa tarefa, foi: "Você não pode forçar demais a barra desses caras. É um bom lugar para se aprender". Esta foi minha experiência direta com "o buraco" do qual estamos falando.

**SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Se você quiser saber mais sobre como a reclusão na solitária era feito nas prisões, digite 35 e o botão Play agora.

**26. FANTASMAS: "A EASTERN STATE É MAL-ASSOMBRADA?"****STEVE BUSCEMI:**

Olá, eu sou o ator Steve Buscemi.

Este lugar é mal-assombrado? Quem sabe? Alguns visitantes disseram que "sentiram algo" em suas visitas à Eastern State.

**CHARLES ADAMS, AUTOR:**

Meu nome é Charles Adams. Sou autor do livro *Philadelphia Ghost Stories* (Histórias de Fantasmas da Filadélfia).

**STEVE BUSCEMI:**

O Sr. Adams não está relacionado ao famoso cartunista que criou a Família Adams, mas eles compartilham um gosto especial pelo macabro.

**CHARLES ADAMS, AUTOR:**

Eu já havia ouvido estórias padrão de fantasmas, sobre figuras sombrias passando de cela em cela e todas as estórias do tipo “uuuuuh”. Nada substancial, até que conheci um certo chaveiro. Ele estava removendo uma fechadura de cerca de 142 anos de idade de uma porta em uma cela abandonada, e encontrou o que descreveu como uma energia incrível e poderosa.

Esse homem estava realmente amedrontado pelo que aconteceu a ele. Ele não conseguia compreender e, portanto, acredito que o que ele me contou foi 100% verdadeiro.

**STEVE BUSCEMI:**

O que sabemos é que um enorme sofrimento ocorreu atrás dessas paredes, por mais de 140 anos. Homens e mulheres morreram aqui. E o próprio prédio é certamente ‘assombroso’ se não for mal-assombrado.

**CHARLES ADAMS, AUTOR:**

Na minha opinião, não há um fantasma ou três fantasmas. Trata-se de um aglomerado de almas, espíritos sem descanso que se contorcem em busca da eternidade aqui na Penitenciária de Eastern State.

**STEVE BUSCEMI:**

Talvez você não acredite em fantasmas. Mas veja bem ao seu redor. Se existem fantasmas em algum lugar, este aqui certamente é um deles.

**27. FILMADO NA EASTERN STATE****STEVE BUSCEMI:**

Olá. Sou o ator Steve Buscemi.

Desde seu fechando em 1971, a Eastern State se tornou um lugar altamente visado para fotografia, clipes musicais, capas de álbuns e até

longa-metragens. Você pode se surpreender com o que se tornaram alguns pontos da penitenciária. Boa parte do filme *Os 12 Macacos*, de 1997, estrelando Brad Pitt e Bruce Willis, foi gravada no espaço em que vocês estão neste momento.

No filme *Pela Vida de um Amigo*, de 1999, a Eastern State foi transportada para a costa da Malásia. Esse filme foi gravado no meio do inverno, a maior parte no Bloco de Celas 12. Para criar a ilusão da vida nos trópicos, os atores foram pulverizados com água, para parecer que estavam suados, e eles punham cubos de gelo na boca para se hábito não formar vapor no ar.

Em 1985, Tina Turner filmou seu clipe musical para o filme *Mad Max - Além da Cúpula do Trovão*, e a capa do álbum de Sting, *All This Time*, foi fotografada aqui em 2001.

A primeira vez que eu ouvi falar da Penitenciária de Eastern State foi quando estava procurando uma prisão para fazer um filme que estava na época de começar as gravações. Eu fiquei simplesmente estarecido com o fato de realmente existir uma estrutura como esta. Do alto das torres centrais da guarda, era possível ver como a arquitetura deste lugar é realmente exclusiva e assustadora. Infelizmente, não conseguimos filmar aqui, porque já era considerado um monumento histórico. Não tínhamos permissão para modificar nada na prisão. Mas ainda me lembro como fiquei inspirado quando entrei na Penitenciária de Eastern State pela primeira vez.

## **28. "POR QUE NÃO REFORMAM ESTE LUGAR?"**

### **SALLY ELK, DIRETORA EXECUTIVA:**

Olá, meu nome é Sally Elk. Sou a Diretora Executiva.

Quando nosso programa de tours começou em 1994, os prédios estavam em um estado terrível de deterioração. A ponto de chamarmos a

penitenciária de semirruína. Lembrem-se que a prisão foi fechada em 1971, e ficou abandonada por mais de 20 anos, absolutamente sem qualquer tipo de manutenção. As pessoas sempre perguntam se planejamos reformar o presídio inteiro. Não, não temos essa intenção. Em primeiro lugar, o custo seria muito alto. Mas o mais importante é que nós e nossos visitantes gostamos da decadência.

Nossa meta é, na verdade, a de mantermos uma ruína estabilizada: interromper a deterioração e manter a trajetória do tour segura para os nossos visitantes. Também planejamos restaurar algumas áreas, que ajudam as pessoas a compreender melhor como o prédio foi projetado e como foi modificado com o passar do tempo. Se vocês olharem para cima, verão o novo forro no teto e uma nova claraboia. Optamos por reformar esta passagem porque é um dos locais que apresentam o melhor visual com seu teto triplo arqueado cobrindo toda a área central. Ela foi fotografada desde 1925. Não dá para imaginar esse local sem um forro no teto.

Agora caminhem até a passagem para o Bloco de Celas 2. Observem que substituímos a estrutura de madeira do teto, que estava danificada, e deixamos o teto à vista. Em vez rebocar o teto e a parede novamente, trabalhamos para conservar os materiais de construção originais do prédio e deixá-los à vista, para que todos vejam como o prédio foi construído com o tempo. Para verem um exemplo interessante, vejam a pequena janela próxima ao portão de ferro, no início do Bloco de Celas 2. A perda do reboco em torno da janela revelou sua estrutura original de 1829.

## **29. BARBEARIA**

### **IRWIN SCHMUCKLER, PROFESSOR:**

Meu nome é Irwin Schmuckler, e durante o verão de 1966, em busca de um emprego, fui designado para trabalhar aqui como barbeiro da Penitenciária de Eastern State.

Nos primeiros dias, os presidiários tinham permissão de cortar o cabelo e fazer a barba como quisessem. Essa liberdade que eles tinham era altamente incomum e era condenada por outros sistemas prisionais. Mas no século XX , os presidiários eram obrigados a manterem os cabelos cortados.

### **RICHARD GRIFFIN, GUARDA:**

Assim que você chega aqui, logo nas primeiras quatro horas, você acaba na barbearia. No tempo de alguém jogar uma moeda para cima, você está careca, antes de a moeda cair no chão.

### **IRWIN SCHMUCKLER, PROFESSOR:**

Em quase todos os blocos de celas da Eastern State, uma cela era convertida em uma barbearia para os presidiários. As celas eram equipadas com luzes fluorescentes, tomadas, espelhos e poltronas de barbearia. Presidiários eram treinados para serem barbeiros e recebiam navalhas para barbear seus "clientes". Essas lâminas eram autorizadas pelo guarda de plantão. Na verdade, este era o meu trabalho.

Pelas janelas bem à sua frente, vocês podem ver a barbearia dos funcionários. Alguns guardas traziam até mesmo seus familiares e amigos para cortarem o cabelo aqui, a um custo baixo.

Os funcionários e seus barbeiros condenados se davam melhor do que vocês podem imaginar.

### **RICHARD GRIFFIN, GUARDA:**

Bom, tinha o barbeiro Midge, quando eu cheguei aqui. E ele era responsável pelos cortes dos cabelos de todos os funcionários. Eu só ficaria aqui por três ou quatro dias, e precisava muito de um corte de cabelo e de fazer a barba. Então entrei e me sentei na poltrona. Logo ele entrou e deu uma risada muito estranha [rindo], assim. Ele reclinou minha poltrona e ia me barbear primeiro. Aí ele pegou a navalha pelo lado sem fio e passou-a no meu pescoço. Eu disse: "Agora, se você tiver

terminado suas gracinhas, vamos à barba". Com isso, ele cortou meu cabelo e fez minha barba, cobrando cerca de 40 cents por ambos os serviços. E foi essa a experiência que tive com o Midge. Ele era um barbeiro de primeira.

### **30. ESTUFA**

#### **DONALD VAUGHN, GUARDA:**

Meu nome é Donald Vaughn. Sou o superintendente da State Correctional Institution em Graterford.

Parece que sempre houve uma estufa dentro da prisão aqui. Esta aqui foi construída por volta de 1936. A estufa nunca teve o objetivo de produzir alimentos para os prisioneiros. Ela servia para treinar os presidiários para determinadas funções. E como alguns deles gostavam de trabalhar aqui, usávamos a estufa como prêmio de bom comportamento.

Às vezes as flores da estufa eram vendidas ao público ou aos funcionários. Eu costumava encomendar algumas para a minha mãe.

### **31. SEXUALIDADE (SÉCULO XX)**

#### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

Meu nome é DICK FULMER. Fui conselheiro correcional, cargo também conhecido como assistente social, na Penitenciária de Eastern State, de 1966 até 1970.

Quando a reclusão na solitária começou a cair em desuso na Eastern State e os presidiários começaram a compartilhar as celas, o sexo entre eles começou a se tornar um problema cada vez mais comum.

#### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 1:**

Não que não houvesse muita atividade homossexual. Porém ou isto ocorria de forma silenciosa, por coerção ou pagamento, como você sabe, as pessoas pagam com cigarros ou o que quer que tenham a oferecer. Não era uma coisa explícita. Alguns presos foram esfaqueados, sabe, por causa dos relacionamentos homossexuais e as, abre aspas, “paixões”.

### **DICK FULMER:**

Estupros também se tornaram um problema recorrente, e os jovens eram os mais vulneráveis.

### **FINN HORNUM, CONSULTOR:**

Havia chuveiros no final do bloco de celas e quando o vapor se espalhava pelo ar, não se enxergava mais nada. Não tinha como os guardas terem ideia do que estava acontecendo. Mas eles sabiam que acontecia. Era algo com que se tinha de conviver.

### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

Para mim, trabalhando aqui, me sentia confrontado com esta questão de diversas formas. A mais comum era, se eles não estavam dispostos da conversar sobre como pretendiam lidar com isto, era meu trabalho levantar a questão para eles. Você tem dez anos de pena a cumprir nesta instituição ou em alguma instituição correcional. Como você pretende lidar com seus instintos sexuais? Como você planeja lidar com as pessoas que vão te abordar ou que vão te ameaçar? É preciso pensar sobre esta questão, em termos de se adaptar e sobreviver à experiência na cadeia. Faz parte do seu ambiente. Você não pode simplesmente ignorar isto.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Você pode saber mais sobre questões de sexualidade na Penitenciária de Eastern State no século XIX, digitando 32 e o botão verde de reprodução agora.

## **32. SEXUALIDADE (SÉCULO XIX)**

### **NORMAN JOHNSTON, SOCIÓLOGO:**

Meu nome é Norman Johnston. Sou professor emérito na Universidade de Arcadia. Me interessei pela prisão e em escrever sobre ela desde o início dos anos 1950.

O sexo sempre existiu nas prisões. Na Eastern, como cada presidiário, na maior parte, vivia confinado em uma cela isolados, a única forma de sexo possível era a masturbação. A masturbação era uma preocupação séria entre os funcionários da prisão e a maioria dos médicos nas penitenciárias do século XIX. Geralmente citada como “vício solitário” ou “autoabuso”. Acreditava-se que a masturbação poderia causar impotência, tuberculose, gangrena, insanidade mental e até a morte.

Por exemplo, no Relatório Anual de 1838, 18 casos de insanidade mental foram citados. Entre eles, dois terços eram atribuídos à masturbação em excesso. Essa desinformação sobre a masturbação durou um longo tempo.

Em todas as prisões atualmente, assim como no passado, onde havia mulheres, tanto entre as detentas quanto entre as funcionárias, havia um problema de contato clandestino de natureza heterossexual. Em 1922 a presidiária Ethel Johnson jurou em um depoimento que havia sido estuprada por um guarda. Seu bebê nasceu morto, na própria penitenciária. No ano seguinte, uma prisão exclusivamente para prisioneiras do sexo feminino foi aberta em Muncy, na parte oeste do estado, e todas as detentas da Eastern State foram transferidas para lá, e nunca mais cumpriram pena nesta penitenciária.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Você pode saber mais sobre questões de sexualidade no século XX, digitando 31 e o botão verde de reprodução agora.

### **33. COZINHAS**

#### **DONALD VAUGHN, GUARDA:**

Eu sou Donald Vaughn, Superintendente do State Correctional Institution em Graterford, o presídio que substituiu a Eastern State.

O prédio separado, diretamente à frente de vocês, era a cozinha. Foi construído em 1903. O que parece ser um alpendre é uma doca de cargas, e a grande abertura na frente era uma balança para caminhões. Ainda há discussões sobre a comida servida na Eastern. Alguns presidiários achavam a comida boa.

#### **COCHISE, PRESIDÁRIO:**

Eles serviam uma comida boa. Quer dizer, boa mesmo. Não havia nada de ruim, porque eu preparava a comida e muitos colegas que trabalhavam comigo na cozinha ajudavam no preparo. Tínhamos... recebíamos meia galinha. Não vinha com as coxas nem nada disso. Você tinha um bife e às vezes um hambúrguer.

#### **DONALD VAUGHN, GUARDA:**

E alguns presidiários tinham um opinião bem diferente.

#### **JESSE DIGUGLIELMO, PRESIDÁRIO:**

Não tinha um chefe na cozinha. Tinha um cara que eles achavam nas ruas. Eles ensinavam o cara a cozinhar e ele fazia sopa de feijão. Fazia sopa de feijão. E você tinha de comer...

#### **DONALD VAUGHN, GUARDA:**

Eu achava a comida muito boa na Eastern.

#### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Se você quiser saber mais sobre os tipos de alimentos servidos nas prisões norte-americanas atualmente, e sobre a controversa comida da punição, conhecida como Nutraloaf, digite 34 e o botão Play agora.

## 34. A COMIDA NAS PRISÕES HOJE

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Oi, eu sou Sean Kelley. Eu sou o Diretor de Interpretação aqui na Penitenciária de Eastern State.

Os dias de refeições preparadas com meia galinha para os presidiários, por uma equipe de cozinha dedicada, como Richard "Cochise" Bell se lembra bem, aqui na Eastern State nos 1960, já são coisa do passado há muito tempo.

Embora o custo das prisões americanas tenha disparado nas últimas décadas – chegando a US\$ 80 bilhões em 2010 – essa verba não é utilizada em refeições gourmet. Atualmente, o custo médio para se alimentar um presidiário nos EUA é de cerca de US\$ 4,00 por dia, ou US\$ 1,25 conforme a refeição. O resultado são alimentos produzidos em massa, altamente processados, que geralmente chegam às instalações congelados ou enlatados. Pouquíssimos legumes e frutas frescos são vistos nas penitenciárias hoje em dia. O pessoal da cozinha – geralmente presidiários – apenas aquecem os alimentos e medem as porções distribuídas em bandejas plásticas.

Eu já fiz inúmeras dessas refeições em muitos anos de visitas às prisões. E posso afirmar, com base na minha experiência, que os detentos atualmente recebem refeições que atendem às necessidades básicas de nutrição, mas a comida tem uma aparência e um gosto péssimos.

E algumas prisões, a comida é ruim de propósito. O "Nutraloaf" é a versão atual do antigo regime de punição de “pão e água”, servidos a detentos que infringem as normas da prisão. As receitas de Nutraloaf variam de estado para estado, mas todas têm a intenção de serem desagradáveis. A receita de Illinois, por exemplo, é uma combinação de carne moída, purê de maçã, massa de tomate e alho em pó. A mistura é assada em um bolo, fatiada e servida em todas as refeições, pelo tempo

que durara a punição. Você pode encontrar várias receitas de Nutraloaf, usadas em vários estados, online, se tiver a curiosidade.

Os tribunais têm defendido os direitos dos presídios, em geral, de punir os detentos com Nutraloaf, mas o processo permanece bastante polêmico.

## **35. RECLUSÃO NA SOLITÁRIA HOJE**

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Oi, eu sou Sean Kelley. Eu sou o Diretor de Interpretação aqui na Penitenciária de Eastern State.

Os administradores da prisão nos anos 1800 aprenderam, tanto aqui quanto em outros presídios, que a reclusão na solitária é uma punição muito eficaz. Mas também tinham preocupações sérias com isso. Um volume cada vez maior de pesquisas concluía que a reclusão prolongado na solitária é destrutivo: costuma causar colapsos emocionais e psicológicos. O resultado é que, no século XX, a maioria dos sistemas prisionais definiram limitações rigorosas para o uso da reclusão na solitária.

Porém, nas décadas seguintes ao fechamento da Penitenciária de Eastern State em 1970, o uso da reclusão na solitária nas prisões americanas tem crescido substancialmente. Atualmente, nenhum outro país utiliza a reclusão por períodos tão extensos como os que praticamos aqui nos Estados Unidos. Hoje, mais de 80.000 presidiários norte-americanos vivem em reclusão em celas solitárias, trancados em isolamento por 22 a 24 horas por dia.

Várias pessoas são enviadas ao “buraco”, como é conhecido, apenas por alguns dias. Mas alguns detentos em presídios federais ou em estados como a Califórnia ou a Louisiana, passam anos na solitária, praticamente sem contato com outros seres humanos. Esses presidiários muitas vezes cumprem suas sentenças nessas condições, e são libertados do confinamento extremo da solitária diretamente para as ruas.

Defensores da prática dizem que a reclusão prolongada na solitária é necessária para punir os que infringem as normas da prisão, e para isolar presos realmente violentos da população carcerária. Eles dizem que isto ajuda a manter a segurança nas prisões, tanto dos funcionários quanto dos demais detentos.

Os opositores costumam dizer que os que são isolados sofrem de transtornos mentais e são os menos propensos a conseguir lidar com esse tipo de punição. A reclusão prolongada na solitária, dizem eles, é uma violação à 8ª Emenda, que protege as pessoas de punições cruéis e incomuns.

## **36. QUESTÕES RACIAIS NAS PRISÕES DOS EUA**

### **KEITH REEVES, CIENTISTA POLÍTICO:**

O sistema prisional dos EUA claramente afeta alguns grupos mais do que outros.

### **ANNIE ANDERSON, PESQUISADORA:**

2,2 milhões de americanos estão neste momento presos em cadeias ou presídios, mas essa população é de quase 60% de negros ou latinos. A população dos EUA tem apenas 30% de negros e latinos.

### **KEITH REEVES, CIENTISTA POLÍTICO:**

Eu sou Keith Reeves, cientista político da Faculdade de Swarthmore.

### **ANNIE ANDERSON, PESQUISADORA:**

Eu sou Annie Anderson, pesquisadora aqui na Penitenciária de Eastern State.

### **KEITH REEVES, CIENTISTA POLÍTICO:**

Esse padrão problemático – onde minorias raciais são encarceradas a taxas muito superiores às do restante da nação – vem desde os primeiros anos da história americana.

### **ANNIE ANDERSON, PESQUISADORA:**

Por exemplo: durante os 142 anos em que os prisioneiros foram mantidos aqui, os presidiários negros sempre tiveram uma representação bastante superior em relação aos números relativos fora destas paredes. O primeiro presidiário da Eastern State, Charles William, era negro. Ele foi trazido para este prédio em outubro de 1829, condenado por roubar um relógio e uma chave de ouro.

### **KEITH REEVES, CIENTISTA POLÍTICO:**

Nos primeiros anos, muitos dos prisioneiros tinham sido escravos havia pouco tempo, e as mulheres negras chegavam em números bastante expressivos.

Um inglês chamado Edward Abdy, que visitou a Eastern State nos anos 1830, escreveu que a falta de trabalho e um sistema legal unilateral colocou vários americanos negros nesta prisão e em outras prisões norte-americanas na sua época.

A crise da raça e do encarceramento tem apenas piorado desde o fechamento da Eastern State. O imenso crescimento da população carcerária dos EUA desde 1970 tem gerado mais prisioneiros de todos os grupos étnicos, mas as comunidades de negros e os latinos foram as mais afetadas.

### **ANNIE ANDERSON, PESQUISADORA:**

Na verdade, existem mais prisioneiros negros hoje do que de qualquer outro grupo étnico ou racial, embora a população geral dos EUA tenha somente 13% de negros.

Veja no gráfico à direita desta placa. Vocês verão que para cada 100.000 homens brancos na América, 678 estão encarcerados. Mas para cada 100.000 homens negros, mais de 4.000 estão encarcerados. É uma proporção de seis para um. Por que isto ainda está acontecendo?

### **KEITH REEVES, CIENTISTA POLÍTICO:**

Em meus quase 11 anos de estudos nesse tema e trabalhando com presidiários, cheguei a acreditar que a raça e as prisões de pessoas pobres residindo em bairros pobres faz parte da história.

Então eis a questão: você acha que a sua aparência e a maneira como foi criado gerou algum impacto nas suas experiências com o sistema de justiça criminal?

**ANNIE ANDERSON, PESQUISADORA:**

E outra pergunta: por que você acha que as relações entre raça, pobreza e encarceramento permanecem tão fortes, cerca de 200 anos depois que esses padrões foram percebidos entre os primeiros detentos da Eastern State?

**KEITH REEVES, CIENTISTA POLÍTICO:**

O histórico de etnia na Eastern State foi, em grande parte, registrado em termos de “Negros” e “Branco”, mas as prisões nos EUA hoje refletem a diversidade cada vez maior da nossa nação. Para ver mais sobre como a composição racial no sistema prisional dos EUA tem mudado com o tempo, visite O Grande Gráfico no campo de beisebol.

## **37. A EASTERN STATE EM RUÍNAS**

**SALLY ELK, DIRETORA EXECUTIVA:**

Meu nome é Sally Elk; sou a Diretora Executiva; Comecei a atuar na Eastern State em 1985.

Quando subi na torre pela primeira vez e olhei para o presídio, foi difícil entender o plano atual da prisão, por causa da vegetação que cresceu no local. A melhor maneira de descrever a vista é que era como uma floresta urbana que estava sendo consumida pela natureza. Havia amoreiras, pássaro voando para todos os lados, uma colônia de gatos abandonados; era fácil perceber que, se nada fosse feito no local, os telhados continuariam ruindo; era possível ver que as claraboias estavam quebradas em todos os blocos e que estava entrando água pelo teto, a pintura estava

descascando, o reboco estava caindo; estava claro que um esforço era necessário para estabilizar as estruturas.

Nos primeiros dias, eu vinha acompanhada de um homem, responsável pela manutenção urbana. Seu nome era John Rubbo. Viemos na perua dele e, quando chegamos e íamos descer do carro, ele apanhou um revólver e disse que precisava se certificar de que eu estaria protegida quando entrássemos na prisão, porque nesse período de abandono, as pessoas conseguiam entrar pelos fundos e roubar as coisas de valor, como tubos de cobre e qualquer coisa que pudesse ser vendida no mercado. E nesse dia, não tenho certeza se ele estava tentando me amedrontar na hora de entrar no presídio, ou se estava de fato tentando me proteger de alguém que poderia estar lá dentro roubando tubos de cobre.

Quando chegou a hora de recuperar o imóvel do período de abandono, a primeira coisa que tivemos de fazer foi remover a vegetação, porque a maior parte das árvores havia criado raízes em torno da muralha perimetral ou penetrando nas fundações dos prédios, de forma que estavam ameaçando a viabilidade da prisão em longo prazo. Tratava-se de uma missão importante, pois, como vocês sabem, são quase 4,5 hectares de terreno. As árvores simplesmente formaram um imenso toldo, e caminhávamos sob um túnel de árvores. Era um local muito romântico, da forma como eu me lembro, mesmo quando as árvores foram sendo removidas, deixando um sentimento de uma espécie de perda; e, como eu recuperei um volume expressivo de terreno, até hoje ainda sinto um pouco de perda e abandono, apesar de estar claro que era preciso fazer isto para proteger o local.

## **38. HOSPITAL**

### **EVA GUTWEIN, GUIA DO TOUR:**

Oi, eu sou a guia do tour da Eastern State, Eva Gutwein.

Estamos vendo o corredor do Bloco de Celas 3, o bloco hospitalar da Penitenciária de Eastern State. Observem a Cruz Vermelha no portão. O hospital tinha salas de cirurgia, salas de recuperação, máquinas de raio X, e uma farmácia completa. Muitos presidiários e funcionários já voltaram à Eastern State para compartilhar suas memórias dos anos 1950 e 1960 neste hospital movimentadíssimo. Ao ouvir suas histórias, fiquem à vontade para explorar as fotos e os artigos escritos por presidiários sobre o hospital, atrás de vocês.

### **ANTHONY ANDREW, PSICÓLOGO:**

Eles marchavam pelo centro da prisão em fila, e às vezes um dos detentos era esfaqueado com uma incrível rapidez, e eles corriam com ele para o hospital. Você via sangue e... principalmente brigas. Principalmente brigas.

### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

Cite um procedimento médico, desde operações cardíacas até cirurgias plásticas para remover tatuagens e cicatrizes: tudo isto podia ser feito no hospital da prisão.

### **CHARLES GINDLE, PRESIDÁRIO:**

Eu comecei trabalhando como assistente dos médicos. Depois, fui para o laboratório, e mais tarde passei para a sala de cirurgia. Ou seja, trabalhei nos três setores. Outros presidiários me ensinaram o que haviam aprendido de outros companheiros. E os médicos nos supervisionavam também.

### **JOAN DIBENEDETTO, ASSISTENTE:**

Eu me lembro da vez que caí no meu escritório, e meu tornozelo inchou e eles decidiram que queriam me levar para o hospital para fazer um raio X; e me levaram em uma cadeira de rodas, passando pelo portão, e todos os prisioneiros nos viram entrando no portão interno e queriam empurrar minha cadeira pelo hospital. Então, fiaram brigando entre si para ver quem empurraria minha cadeira neste hospital! Foi uma coisa bem estranha [risos]!

### **FINN HORNUM, CONSULTOR:**

O programa médico na Eastern era conhecido em todo o estado e, provavelmente, fora do estado também, devido à grande vantagem que esta instituição tinha por ser o ponto certo, bem no meio da Filadélfia, onde havia muitos hospitais. Mas era preciso trazer especialistas para cá. E eles tinham muito pouco dinheiro para isto, do estado, mas geralmente havia gente disposta a vir trabalhar aqui, porque era uma experiência que nunca tinham tido antes, porque era uma população portadora de todo tipo de doença estranha.

### **CLIFFORD REDDEN, PRESIDÁRIO:**

Eu me lembro do dia em que briguei com outro cara, bem aqui. Ele tinha uma faca; eu também. Ele tinha me acertado aqui no olho esquerdo, e eu acertei ele entre as costelas. Levaram o cara para o hospital, e ele recebeu transfusões de sangue.

Um dos presos – de nome Pepe – disse: “Quer que eu costure isso?”

Porque eu havia perguntado: “Por que a demora? Eu quero que consertem este olho”. Então eu disse a ele que “Sim”.

E ele costurou meu corte. Mas ele usou uma linha muito comprida e eu podia sentir quanto ele a puxava; longa demais!

Quando ele saiu o médico disse: “Ótimo trabalho”. E perguntou: “Você lavou o local antes?”

E eu fiquei pensando: “Ai, meu Deus, ele não lavou nada, mas se contar, vão tirar todos os pontos de novo”. E eu disse: “Sim, ele lavou”, ao que ele respondeu rapidamente: “Sim”.

### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 4:**

Você é chamado para atender um paciente doente e os médicos dizem: “Bem, aqui está um pacote de Aspirina; cai fora e não apareça mais aqui”.

O que era até bom! Se fosse preciso operar ou, como quando eu quebrei o nariz, você recebe atenção médica imediatamente. Mas em casos de gripes ou resfriados, eles não estavam nem aí. Apenas te davam Aspirina. “Dê uma canha de galinha para ele”.

### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECCIONAL:**

Outro problema significativo na seção médica era a psiquiatria. Pessoas vinham de todo o estado, porque os psiquiatras estavam aqui. Os psiquiatras não apareciam, porque tinha gente doida demais; e os doidos vinha aqui, porque os serviços psiquiátricos estavam aqui.

### **JOSEPH MAHER, PSICÓLOGO:**

Houve um tempo em que se dava muita ênfase à terapia em grupo. Quando a instituição foi fechada, havia mais de 25 grupos de terapia em andamento, e a guarda cedeu voluntários para atuarem como coterapeutas. Assim, tínhamos capitães, tenentes, e guardas sendo treinados como coterapeutas.

### **CHARLES GINDLE, PRESIDÁRIO:**

Certa vez, o capitão disse a dois colegas e a mim para vestirmos uma camisa de força em um paciente, e fomos fazer o que ele mandou. Levamos mordidas, cusparadas, chutes, e tudo o mais, mas conseguimos vestir a camisa de força no sujeito. Então, o capitão foi chamar o psiquiatra para dizer que tínhamos conseguido vestir a camisa de força no cara; e o psiquiatra disse: “Podem tirá-la”. E lá fomos nós tirar a camisa de força. O psiquiatra entrou para ver o paciente, olhou para ele e disse: “Vistam a camisa de força de novo”. E repetimos a tarefa outra vez.

### **RAYMOND GRADY, GUARDA:**

Muitos dos presos tentavam se suicidar. Um deles, de nome Dorsey, bateu a cabeça contra... você já viu as camas daqui, certo? Pois é. Eu realmente pensei que ele estava louco, batendo a própria cabeça daquele jeito. Tivemos de entrar e segurar o cara.

### **PRESIDIÁRIO ANÔNIMO 4:**

Eles tinham o que chamavam de “Bloco dos Velhos”. Eles colocavam todos os velhos nesse bloco. Os presos caminhavam por aí com muletas; alguns tinham bengalas. E o bloco do hospital ficava na ala deles. Eles os deixavam nesse bloco até morrerem. Muitos deles jamais saíram de lá. Não tinham como sair; eles viviam uma espécie de prorrogação da vida ali. Então ficavam por ali mesmo.

### **RAYMOND GRADY, GUARDA:**

Este lugar era um pouco... meio louco às vezes, principalmente na ala psiquiátrica do bloco médico.

### **EVA GUTWEIN:**

O hospital precisa de uma reforma extensiva antes de ser considerado seguro para os visitantes, mas planejamos reabri-lo nos próximos anos. Esperamos que vocês voltem para conhecê-lo.

## **39 CELA DE AL CAPONE (RESTAURAÇÃO)**

### **MATT MURPHY, SUPERVISOR DOS PROGRAMAS DE TOUR:**

O que Al Capone estava fazendo na Filadélfia em 1929?

### **LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

Ele e seu gurada-costas Frank Cline estavam na estrada, voltando de Atlantic City para sua casa em Chicago. Eles deram uma parada para passar a noite na Filadélfia. A polícia reconheceu Capone e revistou os dois.

### **MATT MURPHY, SUPERVISOR DOS PROGRAMAS DE TOUR:**

Eles descobriram que os dois portavam revólveres calibre 38 sem licença e carregados. 12 horas após a prisão deles, os dois receberam a pena máxima: um ano de prisão por porte ilegal de armas letais. Você pode ver essa condenação na ficha de admissão de Capone. Está abreviada como "C.C.D.W".

**LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

O mais irônico, entretanto, é que enquanto os tribunais tentavam ser duros com o famoso gângster, os dirigentes do presídio de Eastern State foram surpreendentemente generosos.

**MATT MURPHY, SUPERVISOR DOS PROGRAMAS DE TOUR:**

Vejam o jornal com a manchete "'Muito Confortável,' Diz Capone em sua Cela de Luxo". Agora vejam a cela à sua esquerda. Restauramos o recinto reproduzindo a descrição do jornal.

**ATOR:**

"A cela era totalmente iluminada pelo abajur, que ficava em cima de uma mesa encerada. Nas paredes da câmara penal, que costumavam ser horríveis, havia pinturas de bom-gosto, e os acordes de uma valsa emanavam de um receptor de rádio muito bonito, com acabamento fino".

*The Philadelphia Public Ledger, 1929*

**MATT MURPHY, SUPERVISOR DOS PROGRAMAS DE TOUR:**

Não sabemos como Capone conseguiu esse tratamento especial. Sua prisão ocorreu em um momento em que a violência das máfias crescia em Chicago, e havia uma teoria de que Capone planejou sua prisão aqui para se evadir dos inimigos.

**LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

Nunca acreditamos nessa versão. Ele gastou muito dinheiro tentando obter sua liberdade da Penitenciária de Eastern State, e negou a vida toda que tenha vindo para a Filadélfia para se esconder.

**MATT MURPHY, SUPERVISOR DOS PROGRAMAS DE TOUR:**

Do lado oposto a essas celas, há uma estação de áudio sobre a libertação de Al Capone da Penitenciária de Eastern State.

**LATEEF OAKMAN, GUIA DO TOUR:**

O áudio é uma história completa.

## 40. NASCIDO NA EASTERN STATE

### **HENRY ENCKLER:**

Tenho 87 anos e faço 88 em junho. Nasci na Penitenciária de Eastern State. E muitas vezes fico imaginando de não tive problemas aqui. Eu fiquei por sete anos nessa prisão. Tenho algum crédito por isso? [risos] Não, acho que não.

Eu costumava visitar todas as celas dos prisioneiros, e passeava no pátio quando eles iam se exercitar. Os exercícios eram uma grande piada; eles apenas ficavam perambulando e conversando. E eu costumava ir para lá e perambular com eles também, sabe.

Um companheiro perguntou ao outro: "Quem diabos é esse pirralho?"

E o outro prisioneiro disse: "Ah, é o neto do superintendente. Não toque nele, cara, ou você vai se dar mal".

Mas ele quase tinha razão; Eu era o neto do superintendente adjunto. Eu ficava perambulando pela prisão, e podia ir onde bem entendesse. A única área proibida para mim era ali, onde cozinham, na área da padaria e outras do gênero. Essas áreas eram proibidas. Mas eu costumava ir onde me avô ia – ele gastava uma boa parte do seu tempo no que eles chamavam de Centro. Eu ia para lá e imitava os guardas que ficavam bem no meio do Centro, observando os corredores de celas, sabe, conferindo as coisas. Eu ficava em pé lá no meio e fazia igual a eles. Eu achava que estava sendo engraçado [risos].

## 41. DETENÇÃO

### **DONALD VAUGHN, GUARDA:**

Meu nome é Donald Vaughn; atualmente, eu sou o Superintendente do State Correctional Institution em Graterford. Iniciei minha carreira na área correcional na Eastern State, em 1966.

Quando os presidiários chegavam, no final do dia, ele eram apresentados por delegados do condado de Filadélfia, e do condado de Montgomery. Os presidiários eram condenados e trazidos no mesmo dia das ruas, ainda frescos, e alguns vinham de cadeias do condado. Tirávamos as impressões digitais deles e preenchíamos os formulários de admissão.

Havia uma parte que sempre me incomodou. Quando um negro chegava, automaticamente tínhamos de verificar alguns blocos. Não importa a cor dos olhos do homem, tínhamos de preencher com “olhos castanhos”. E não importa a textura do seu cabelo, sempre marcávamos a opção “crespo”. Eu me lembro de ter questionado um dos meus superiores uma vez, e ele disse: "Bem, você sabe, isto não é da nossa alçada. É assim que temos de fazer. É o procedimento. É o que você tem de fazer".

E eu disse: “Bom, o homem não tem cabelo crespo. O cabelo dele é encaracolado”.

E ele disse: “Olha, o formulário diz ‘crespo’ e é isto que temos de marcar”.

## **42. PÁTIOS PARA EXERCÍCIOS**

### **SALLY ELK, DIRETORA EXECUTIVA:**

Esta é a Diretora Executiva Sally Elk.

### **JORGE DANTE:**

Este é Jorge Dante, Diretor do Projeto de restauração do pátio.

### **SALLY ELK, DIRETORA EXECUTIVA:**

Vocês estão no último pátio de exercícios ao ar livre que sobreviveu do plano original da penitenciária. Observem as paredes de 3 metros de altura em todos os lados e a pequena porta que leva para a cela. Ela está aberta para mostrar a porta de madeira e a de grade metálica. O pátio de exercícios tem mais o menos o mesmo tamanho da cela. Quando o arquiteto da Eastern State, John Haviland, estava projetando a prisão, ele prestou muita atenção na ideia que prevalecia na época: que as doenças nas prisões poderiam ser evitadas se os prisioneiros fossem expostos regularmente ao ar livre. Ao contrário das masmorras e prisões úmidas de outrora, a Eastern State foi construída para assegurar a saúde da sua população. A programação não permitia que prisioneiros vizinhos fossem liberados ao mesmo tempo. Lembre-se: o sistema se baseava no silêncio. A administração trabalhou duro para garantir que nenhum prisioneiro pudesse se comunicar com outro.

### **JORGE DANTE:**

Você pode estar imaginando se os prisioneiros nunca tentaram fugir pelo pátio. Sim, tentaram. Entretanto, ainda estavam separados da liberdade por uma muralha de 10 metros de altura em todo o perímetro da prisão.

Quando a reclusão em isolamento caiu por terra, com o passar dos anos, os pátios continuaram sendo utilizados para exercícios. Há indícios nos registros e uma lenda de que os prisioneiros tinham bichos de estimação e plantavam flores e hortaliças em seus pátios.

Quando a reclusão em isolamento foi oficialmente banida, em 1913, as paredes entre os pátios foram demolidas e um telhado foi colocado sobre eles. Todos os pátios, exceto este aqui, foram convertidos para outras finalidades, principalmente para a construção de oficinas. Nos últimos dois verões, eu trabalhei com 15 estudantes de pesquisa trabalhista para restaurar o pátio até que ficasse com a mesma aparência dos anos 1830. Conseguimos isto, removendo diversas alterações. Refizemos o telhado de madeira e telhas e o tapamento nas paredes, e restauramos as portas. Você pode obter mais informações sobre esse projeto e todos os nossos projetos de restauração no nosso site na internet.

### **43. MULHERES NA EASTERN STATE**

#### **KELLY OTTERSON, GERENTE DO PROGRAMA DE TOURS:**

Meu nome é Kelly Otterson. Eu sou gerente do programa de tours aqui da Penitenciária de Eastern State.

Acredito que os visitantes muitas vezes acham surpreendente o fato de terem sido mantidos homens e mulheres aqui ao mesmo tempo, porque hoje em dia, a maioria das prisões é segregada por sexo. Na verdade, um pequeno número de mulheres cumpriu pena na Eastern State, logo no início. Eram tipicamente mulheres condenadas pelos mesmo tipos de crimes que os homens, e que recebiam sentenças semelhantes.

A primeira prisioneira, Amy Rogers, foi condenada a três anos por homicídio. Ela chegou em 1831, menos de dois anos após a inauguração da Penitenciária de Eastern State. Ela era a presidiária número 73.

Nesses primeiros anos, a maioria dos presidiários trabalhava em silêncio em suas celas, fazendo sapatos ou instalando ripas em cadeiras. Mas as presidiárias geralmente recebiam tarefas domésticas, como lavar roupas e trabalhar na cozinha.

Em 1836, o número de presidiárias já havia chegado a 19. Nesse mesmo ano, as mulheres foram retiradas daqui e instaladas no nível da “galeria” do Bloco de Celas 7. Se vocês olharem para cima, talvez você possam imaginar as mulheres passando pelos corredores e caminhando até as cozinhas no primeiro andar deste bloco de celas.

Os registros da prisão indicam que alguns presidiários ficaram sabendo da presença de mulheres aqui. Em um caso, um prisioneiro do Bloco de Celas 6 foi punido por ter se comunicado com uma prisioneira pela sua claraboia.

Os administradores documentaram cuidadosamente ocorrências de gravidez de detentas ao chegarem, e muitas das prisioneiras tiveram seus partos aqui mesmo. Os registros da prisão citam que a presidiária Caroline Sweeney vivia aqui com seu filho de cinco anos de idade, nascido na Penitenciária de Eastern State em 1849. E o filho recém-nascido da presidiária 2741 passou pelo rito da circuncisão por solicitação de sua mãe.

Nos primeiros anos do século XX, Elsie McKenty viveu no prédio da administração da Eastern State, que se parece com um castelo, com sua família. Seu pai era o superintendente. Ela se lembra de um presidiário com carinho, uma mulher que ela chamava de “Nanny” (babá), que a ajudava com seus deveres de casa:

### **ELSIE MCKENTY HOUGH, FILHA DO SUPERINTENDENTE:**

Havia uma mulher negra que eu chamava de Nanny. Ela cumpria sentença perpétua. Ela costumava me ajudar com as minhas lições de casa e era adorável, e tinha uma educação exemplar.

### **KELLY OTTERSON, GERENTE DO PROGRAMA DE TOURS:**

A Nanny acabou conseguindo sua liberdade, e voltou anos mais tarde para assistir ao casamento de Elsie, ainda na prisão.

A Pensilvânia eventualmente construiu uma prisão exclusiva para mulheres, em Muncy, na área central do estado. A última presidiária do sexo feminino na Penitenciária de Eastern State, Freda Trost, condenada por ter envenenado o marido, foi transferida para lá em 1923. A Penitenciária de Eastern State voltou a ser exclusivamente masculina, mas de certa forma, alguma coisa mudou. Embora as mulheres tenham sido admitidas por 92 anos, em nenhum momento elas representaram mais do que uma pequena fração da população carcerária. Na verdade, apenas algumas centenas de mulheres ficaram presas entre estas paredes.

Hoje, embora o número de mulheres ainda seja superado pelo de homens em todo o país, as taxas de condenação entre elas tem aumentado

drasticamente. A Pensilvânia construiu uma segunda penitenciária exclusivamente feminina em 1982.

## **44. REBELIÕES NAS PRISÕES**

### **FRANCIS DOLAN, DIRETOR ADJUNTO DOS PROGRAMAS DE TOURS:**

Eu sou o diretor adjunto da Eastern State para Tour para programas e operações locais, Francis Dolan.

A violência entre os presidiários é um problema na maioria das prisões e na Eastern State não era diferente. No início, os prisioneiro daqui viviam em estrito isolamento, e a violência se limitava a ataques individuais contra os guardas. Mas esse sistema se corroeu com o tempo e os blocos de celas à sua volta se encheram com novos presidiários.

Em resposta à ameaça crescente de grupos de presos, a administração da prisão instalou portões com pescoceiras no final de cada bloco de celas. Vocês podem vê-las perto da cela de Al Capone, no final deste corredor. Os portões com pescoceira foram projetados para conter os prisioneiros em áreas reduzidas no caso de uma rebelião. Os funcionários que trabalhavam nesses blocos de celas não portavam as chaves dos portões: eles ficavam trancados do lado de dentro, sem armas, juntos com os prisioneiros.

Nos anos 1960, a Eastern State já estava em processo de envelhecimento, assim como sua população carcerária, mas sua reputação de instituição pacífica estava com os dias contados. Ao entardecer do dia 8 de janeiro de 1961, os presidiários neste corredor, no Bloco de Celas 9, iniciaram a maior rebelião da história da Eastern State. O presidiário John Klausenberg enganou um guarda e fez com que ele abrisse sua cela, dizendo que iria pegar um violão com outro detento. Os dois homens dominaram o guarda e começaram a destrancar as celas, primeiro aqui neste corredor, depois nos outros blocos de celas. Dezenas de presidiários

acabaram sendo libertados, e levaram oito funcionários como reféns, esfaqueando dois deles com facas improvisadas. Eles assumiram o controle de vários blocos de celas e até incendiaram a sala de registros, numa tentativa de apagarem seus arquivos criminais:

### **JOHN MCCULLOUGH, PRESIDÁRIO:**

Eu estava no Bloco Quatro na época, e olhei em volta e foi a primeira vez que eu vi uma verdadeira rebelião em um presídio; todo mundo estava completamente fora de controle. Era a liberdade geral, para todo mundo, sabe: as pessoas podiam chutar, rasgar, destruir...

### **FRANCIS DOLAN, DIRETOR ADJUNTO DOS PROGRAMAS DE TOURS:**

Mas os guardas estavam preparados. Eles reagiram com a "Operação *Prison Breakout*" (desagregação da prisão), uma estratégia planejada para lidar com rebeliões na Penitenciária de Eastern State. Centenas policiais e bombeiros locais cercaram uma área com raio de seis quarteirões em torno do presídio. Em seguida, as topas e os guardas da Eastern State, armados com gás lacrimogêneo e cassetetes, entraram pelos portões principais. Eles se movimentaram sistematicamente, um bloco de celas de cada vez, e dominaram todo o prédio:

### **RICHARD PARCELL, GUARDA:**

Quando entramos no presídio, tinha fogo para todo lado – eles haviam incendiado as alas e tinha muita fumaça. Havia muitos presidiários correndo, e alguns conseguiram pegar drogas na farmácia; mas não houve muitos confrontos físicos ali, até que chegamos à garagem, onde os guardas estavam presos como reféns.

### **FRANCIS DOLAN, DIRETOR ADJUNTO DOS PROGRAMAS DE TOURS:**

Embora tenha havido danos extensivos à prisão, e muitos ferimentos, não houve mortes. Após as investigações, o Procurador Geral da Pensilvânia recomendou o fechamento da Eastern State assim que possível, chamando-a da “obsoleta, vulnerável e um perigo para todos os que

viviam na cidade". A Pensilvânia fechou a Penitenciária de Eastern State em 1970. Ela já tinha 141 anos de idade.

## **45 GEORGE NORMAN**

### **SEAN KELLY, DIRETOR DO PROGRAMA:**

Os presidiários da Penitenciária de Eastern State pensavam muito na liberdade. Mas para um presidiário, George Norman, a liberdade tinha um significado especial. George Norman ficou preso na Eastern State por ter ajudado sua esposa a escapar da escravidão.

Eu sou Sean Kelley, diretor do programa na Penitenciária de Eastern State.

George Norman foi um negro livre que vivia em Carlisle, Pensilvânia, no final dos anos 1840. Embora ele fosse livre, sua esposa, Hester, ainda era escrava em Maryland, a mais de 80 km de distância. Hester escapou do seu senhorio e fugiu para o norte, acompanhada de dois outros escravos: seu pai e sua filha de dez anos de idade. Os três viajaram por uma rede de casas seguras, conhecida como a “Underground Railroad” (a ferrovia subterrânea).

Eles conseguiram chegar à Pensilvânia – estado que já não permitia a escravidão – e oportunamente a Carlisle, onde o marido de Hester, George, morava. Mas os senhorios dos escravos os perseguiram agressivamente. No dia 2 de junho de 1847, o senhorio de Hester capturou os três escravos e os prendeu na cadeia do condado.

Diversos membros da comunidade pela libertação dos negros em Carlisle acreditavam que a os escravos fugitivos mereciam a liberdade se chegassem ao norte. Mas a lei não parecia estar com eles. Embora a Pensilvânia não reconhecesse a escravidão naquela época, os proprietários de escravos conseguiam recapturar escravos fugitivos e voltar com eles para o sul.

Uma multidão tensa se reuniu no fórum do condado – principalmente homens e mulheres negras livres – enquanto o juiz julgava o caso. Nessa multidão estava George Norman, cuja esposa Hester estava sentada no banco dos réus naquele momento. Um professor branco chegou para informar ao tribunal que uma nova lei na Pensilvânia transformava qualquer questão envolvendo escravos fugitivos uma questão de alçada federal. Portanto, os tribunais dos condados não tinham autoridade para julgá-las. O juiz proferiu uma sentença favorável ao senhorio assim mesmo, e a multidão se rebelou.

Primeiro, dentro do tribunal – em seguida, nas ruas do lado de fora – os manifestantes exigiam das autoridades que libertassem Hester e os outros dois. O tumulto se transformou em briga. Golpes foram trocados em ambos os lados. George Norman pegou sua esposa e a tirou dali, em busca da liberdade. Mulheres na multidão cercaram a filha do casal e a tiraram de lá também. À medida que a multidão se movimentou para um beco com Hester e a menina, um dos senhorios os seguiu. A multidão se voltou contra ele e o espancou gravemente.

O terceiro escravo fugitivo, pai da jovem escrava, não escapou. Ele foi devolvido aos proprietários e voltou à escravidão em Maryland. Hester e a moça conseguiram escapar, mas sua liberdade teve um preço alto: O marido de Hester, George, e dez outros negros livres, foram sentenciados a três anos de confinamento em isolamento, com trabalhos forçados na Penitenciária de Eastern State.

Ao assegurar a liberdade de sua esposa, George Norman havia perdido sua própria liberdade...

O que sabemos sobre o tempo que George Norman passou neste prédio? Infelizmente, não muito. Um dos poucos registros dele na Eastern State vem do instrutor de moral e cívica da penitenciária, que escreveu: "[George Norman] justifica tudo o que fez". Podemos presumir que naquela época, isto aqui não era nada agradável, principalmente para

peças na sua raça. Sete por cento dos prisioneiros afro-americanos morriam antes de cumprir suas sentenças, um índice muito mais alto do que o dos brancos.

Os homens de Carlisle não cumpriram a sentença integral. A Suprema Corte do Estado da Pensilvânia considerou sua sentença na Eastern State muito severa. Depois de nove meses presos entre estas paredes, todos os 11 homens foram libertados. Agora eles estavam livres.

Não sabemos se George Norman conseguiu encontrar sua esposa Hester novamente. Não sabemos se eles conseguiram aproveitar sua nova liberdade juntos. Mas sua história nos conta muito sobre até onde as pessoas se dispunham a ir – tanto como indivíduos quanto como membros de uma comunidade – em seus desafios pela liberdade.

Gostaríamos de agradecer a Jennifer Coval, cuja pesquisa extensiva sobre este assunto nos permitiu juntar as peças dessa história complicada.

## **47. OUTRAS AUSÊNCIAS**

### **CINDY STOCKTON MOORE, ARTISTA:**

Olá, meu nome é Cindy Stockton Moore. O nome de meu estúdio é *Other Absences* (Outras Ausências). Esses 50 retratos são de homens, mulheres e crianças que foram assassinados. Seus assassinos foram presos na Penitenciária de Eastern State depois dos crimes. Estando neste espaço, eu tendia a me imaginar como alguém que poderia estar preso aqui, mas quando saía para voltar à minha rotina, também ficava pensando sobre os motivos que levavam algumas pessoas a serem presas aqui e queria apresentar um ponto de vista diferente. Muitas as histórias eram assombrosas de diversas formas.

Quando você entra em uma cela do lado esquerdo, bem no meio do teto há um retrato de Ellis Simons. Seu retrato é um pouco maior e fica bem no centro da primeira ala, e ele tinha apenas 12 anos de idade e foi

esfaqueado até a morte, com uma tesoura, por um menor de 16 anos de idade, que o havia convidado para ver seu laboratório químico.

Outro nível de ausência que está acontecendo neste projeto é que todas as histórias e as faces que eu não consegui encontrar, devido à raça, à classe social ou outros fatores, simplesmente nunca foram relatadas. Há somente três vítimas de cor que eu consegui localizar, e Helena Davis é uma delas. Ela está na terceira fila, nos fundos, a segunda da esquerda para a direita, usando seu chapéu religioso, e ela foi assassinada pelo seu pretendente por ter se recusado a se casar com ele. Ela foi morta dentro da igreja. Ela não queria se casar com ele porque ainda estava casada e era contra sua religião. Ele se entregou à polícia imediatamente. Estava tão devastado que simplesmente matou a mulher que amava.

## **48. GTMO**

### **BILL CROMAR, ARTISTA:**

Meu nome é Bill Cromar e a obra que tenho aqui comigo se chama GTMO, uma abreviação militar que significa Baía de Guantanamo. O nome do alojamento que foi construído na Baía de Guantanamo era Alojamento Raio X. A cela que vocês veem no interior desta Penitenciária de Eastern State é uma réplica exata que eu consegui fazer. Tem o tamanho exato da original. Tem exatamente os mesmos materiais que vocês veem nas celas abandonadas no Alojamento Raio X.

As duas celas não poderiam ser mais diferentes. Uma é muito sólida. Uma é feita de volumosas pedras opacas. Uma é feita de quase nada, com um mero alambrado. Suponha que ambas tenham a mesma finalidade. Ambos servem para encarcerar. Ambas mantêm pessoas presas, mas devido à forma como os encarceradores decidem como encarcerar, você acaba com dois meios diferentes de fazer a mesma coisa. Ambos os locais, de certa forma, representam, em algum nível, a ideia de alguém com boas intenções.

Oi, este é Bill Cromar novamente. Muita coisa parece ter acontecido na GTMO desde a instalação, mas ao mesmo tempo, parece que nada aconteceu. Então, para termos uma perspectiva melhor da GTMO, de alguém que esteve lá de fato, digite 49 e o botão verde de reprodução agora.

## **49. GTMO HOJE**

### **OMAR FARAH:**

Meu nome é Omar Farah. Sou advogado efetivo do Centro de Direitos Constitucionais e represento sete dos atuais detentos da Baía de Guantanamo.

Observando as instalações do Alojamento Raio X, é fácil acreditar que essa área de Guantanamo deveria ter tido uma vida curta. E observando-as dez anos mais tarde, a obra, até mesmo para mim, parecem um pedaço da história, porque tem tanta infraestrutura e tantos recursos e pessoas nos alojamentos da área em torno de Guantanamo – isto realmente baste para percebermos o quanto esse modelo de detenção se tornou arraigado no nosso cenário político.

Meu trabalho me força a viajar para Guantanamo a cada três meses. É sempre uma experiência muito difícil para mim. A prisão é muito assustadora e não importa quantas vezes eu for lá, sempre vou sentir um pouco de ansiedade e um frio na barriga quando chegar lá. Ao mesmo tempo, é uma oportunidade única que tenho de ficar cara-a-cara com os prisioneiros que representei por tantos anos e com os quais eu me preocupo.

Houve dois casos de mudança radical de maré em um período de poucos meses que eu acho que podem alimentar as esperanças de muitos prisioneiros e, como tempo, ambos os casos se revelaram. No verão de 2008, a Suprema Corte proferiu uma decisão que se tornou um marco histórico – provavelmente a decisão com a vida útil mais curta da história

desse tribunal – de *Boumediene vs. Bush*, que deu aos prisioneiros o direito de contestar sua detenção com processos de *habeas corpus* em um tribunal federal. Nos primeiros meses após a decisão de *Boumediene*, os prisioneiros começaram a ajuizar petições de *habeas corpus* em volumes assustadores, e algumas das decisões dos tribunais federais foram devastadoras. Então, o presidente entrou no seu gabinete e em dois dias ordenou o fechamento da prisão. Mas desde então, a Suprema Corte se recusou a intervir e impedir que o Tribunal Distrital de DC, que é a quem cabe a decisão em primeira instância em Washington, DC, de desmembrar a decisão de *Boumediene* de seu significado na prática, o que só aconteceu agora.

Somente para dar um exemplo a vocês, o Tribunal Distrital decidiu que as provas do governo contra os prisioneiros de Guantanamo devem ser presumidas como idôneas, a menos que o prisioneiro seja capaz de provar o contrário. Em termos práticos, isto significa que o governo ganha seus casos antes mesmo de entrar no plenário de um tribunal.

Então, a promessa do presidente foi revelada. Como parte de sua ordem de fechar a prisão, ele ordenou uma análise de todas as informações de todos os órgãos do governo que houvesse sobre os prisioneiros, para determinar se sua transferência seria aprovada, ou se haveria novo julgamento no sistema militar, ou se seriam enquadradas em uma terceira categoria de detenção indefinida, que já é injusta por si só; porém, são as três disposições cabíveis aos prisioneiros.

A massacrante realidade é que os prisioneiros cuja transferência é aprovada – agora 86 dos 166 prisioneiros restantes – são aprovados unanimemente para transferência por todos os órgãos de segurança nacional e do judiciário que tenham alguma participação nos assuntos dos detentos de Guantanamo, o que leva três anos ou mais para se resolver.

Meus objetivos para eles são definidos pelos objetivos deles próprios para si mesmos, e esses objetivos estão cada vez mais – e é trágico dizer isto – se estreitando um pouco: dos aspectos práticos, a óbvia libertação e o

reencontro com suas famílias, às questões existenciais mais fundamentais, como formas de manter a esperança no dia-a-dia e como manter sua conscientização psicológica, sua forma física: como eles conseguem manter sua integridade.

É uma distorção estranha, sombria, em cada melhoria conquistada em Guantanamo. Quando o Departamento de Defesa construiu um campo de futebol para dar aos prisioneiros uma opção de se exercitarem, o Departamento o manteve como modelo de melhorias em Guantanamo. Certamente, como alguém que representa os prisioneiros de lá, eu aplaudo qualquer melhoria nas condições de rotina do presídio – que já vêm muito tarde – mas ao mesmo tempo, isto representa a normalização do que está acontecendo em Guantanamo, e demonstra apenas a profundidade que estamos atingindo nessa experiência obscura. O que eu quero dizer é que, já se passaram 11 anos, e na verdade não há uma luz no fim do túnel.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Se vocês quiserem ouvir o artista William Cromar descrever seu trabalho em 2004 na GTMO, digite 48 e o botão verde de reprodução agora.

## **50 SYDNEY WARE**

### **NICK GILLETTE, GUIA DO TOUR:**

Eu sou o guia do tour da Eastern State, Nick Gillette, e quero contar para vocês a história de um presidiário que nos mostrou um vislumbre da sua mentalidade por meio de um lindo trabalho que deixou há mais de cem anos.

Sydney Ware estava com seus vinte anos quando atirou e matou dois mineradores companheiros seus em uma discussão em que todos estavam bêbados, sobre um jogo de cartas em uma taberna nas proximidades de Harrisburg, Pensilvânia. Ele foi condenado à força pelo assassinato da

primeira vítima, Morris Miller, mas convenceu o governador da Pensilvânia a alterar sua sentença de morte para prisão perpétua.

Ele chegou à Penitenciária de Eastern State em janeiro de 1891. Conforme os registros, Sydney Ware era um presidiário-modelo. Ele demonstrou um talento notável para a poesia e a música, mas foram suas obras de arte que geraram a maior repercussão tanto na prisão quanto fora dela. Enquanto esteve aqui, Sydney Ware elaborou centenas de gráficos de estatísticas da prisão para funcionários locais. Os gráficos cobram tudo, desde dados demográficos dos presidiários, a alterações diárias na população carcerária e os motivos pelos quais os prisioneiros citavam seus crimes. Mas as ilustrações pareciam refletir as perspectivas mais obscuras dos detentos. Elos de correntes formavam as bordas das páginas; rostos fúnebres faziam par com as grades das celas acima dos gráficos. Suas ilustrações retratando um cena sórdida em um bar acima de um gráfico de hábitos dos presidiários poderia até ser uma referência ao seu próprio crime.

Em 1911, Sydney Ware emitiu outra petição ao governador da Pensilvânia e conseguiu seu perdão pelo primeiro assassinato. Ele saiu pela porta da frente desta prisão, viu um automóvel pela primeira vez, e foi preso novamente, desta vez pelo assassinato do segundo homem na taberna, Frederick Kindler. Depois um pleito notável no tribunal, Sydney Ware foi perdoado pelo segundo assassinato; em novembro de 1911, ele se tornou um homem livre.

Sydney Ware se casou e fixou residência na Filadélfia, e se mantinha com a renda de seu trabalho como pintor e ilustrador. Mas seu extraordinário conjunto de gráficos permaneceram nos escritórios da Penitenciária de Eastern State. Os Arquivos do Estado da Pensilvânia acabaram preservando os gráficos, e eles permanecem lá até hoje.

## 51 ESPÉCIMES

**GREG COWPER, ARTISTA:**

Meu nome é Greg Cowper. Sou um Assistente de Curadoria do Departamento de Entomologia da Academia de Ciências Naturais da Filadélfia.

O título da minha obra é “Specimen” (espécimes). É um inventário de curiosidades dos insetos e da fauna de invertebrados, coletadas na Penitenciária de Eastern State, dentro destas paredes. E a ideia de alguma forma de infiltrou nos meus pensamentos quando eu li um relato de Henry Skinner, que era médico e Curador de Entomologia no final dos anos 1800 e início dos anos 1900. Ele havia visitado a Penitenciária de Eastern State, provavelmente no verão de 1889, e para usar suas palavras, ele ficou “mortificado” ao descobrir um presidiário colecionando insetos no seu pátio de exercícios. E o motivo de ele ter se sentido mortificado, é claro, foi por ser um entomologista; ele não conseguia acreditar que um entomologista seria capaz de cometer um crime que o levaria à Penitenciária de Eastern State.

Até então, o preso já havia juntado mais de 500 espécimes. Daqueles 500 espécimes, uns 150 eram de espécies diferentes, e eu já determinei, na verdade, as 18 espécies que o presidiário coletou e sobre as quais Henry Skinner escreveu. Mas vou continuar a colecionar insetos durante a vida útil das instalações, de abril a novembro, e vou continuar crescendo e evoluindo – tão é quase uma peça de alta performance.

**52. CORAL****JESS PERLITZ, ARTISTA:**

Meu nome é Jess Perlitz. O título do peça é “Chorus” (coral).

Eu viajei muito e conheci uma variedade de prisões nos Estados Unidos e perguntava às pessoas: "Se você pudesse cantar uma canção e se essa canção fosse ouvida, qual seria a canção", e gravava as pessoas cantando: pessoas que estão presas no momento.

Minha obra é feita no interior das celas. Há uma voz que está cantando uma canção. É um tipo de balada, linda quando entonada por uma única voz. E então, alguns segundos depois, outra voz entra. E então uma terceira voz. Depois, à medida que outras vozes entram na composição, ela se torna incrivelmente avassaladora e fica insuportável estar naquele espaço ouvindo aquela cacofonia de vozes se sobrepondo.

Quando eu pensava sobre a história da solidão, que os prisioneiros tinham aquele espaço intencionalmente para poder ficar mais próximo de Deus, e que as pessoas rapidamente começavam a enlouquecer. Havia alguma coisa em relação àquele desejo que dava uma certa esperança de que eles estavam tentando descobrir como poderia ajudar as pessoas e rapidamente aquilo se tornava terrível de forma avassaladora.

## **53 CUIDADO COM A LEI DO LÍRIO**

### **MICHELLE HANDELMAN, ARTISTA:**

Meu nome é Michelle Handelman, sou produtora de vídeos, e o nome da minha peça é “Cuidado com a Lei do Lírio”.

A peça foi inspirada pelas rebeliões de Stonewall, que aconteceram em 1969, e que foram o estopim que deu início ao movimento moderno de direitos dos homossexuais. Eu queria recriar uma experiência que era como estar no interior de uma cela com um prisioneiro transgênero, e ouvir sua história. Então, dediquei muito tempo à pesquisa de experiências com prisioneiros transsexuais, tanto homens que se tornaram mulheres quanto o contrário; depois de compilar toda essa pesquisa, eu afunilei os dados e os subdividi em três textos separados, chamei três artistas separados, todos os quais tinham tido alguma experiência marcante em prisões algum dia. De forma que, apesar de essas pessoas serem artistas, elas também estavam bastante conectadas à vida nas prisões e habituadas a ouvir histórias de pessoas amadas que cumpriram pena.

Você pode imaginar ser um transgênero, um homem que se tornou uma mulher – que já foi homem um dia mas agora se identifica como mulher, e tem a aparência de uma mulher – e você é preso e de repente se vê cumprindo pena em uma penitenciária masculina. É uma situação muito constrangedora e perigosa.

## **55 JOVENS NA EASTERN STATE**

### ***LAUREN ZALUT, DIRETOR DE EDUCAÇÃO E PROGRAMAS DE TOURS:***

Eu sou Lauren Zalut, Diretor de Educação e Programas de Tours na Eastern State. Atualmente, a maioria das crianças enviadas para a prisão é mantida em instituições de detenção para jovens, mas nem sempre foi assim. Crianças com 11 anos de idade apenas, já cumpriram pena aqui na Penitenciária de Eastern State, uma prisão de segurança máxima para adultos.

Vocês podem ver uma imagem de Mary Ash nesta placa. É uma ilustração, pois nunca foi encontrada uma foto dela. Espero que encontremos uma um dia. Eu achei a história de Mary particularmente de cortar o coração. Ela foi condenada como piromaníaca e chegou à Eastern State em 1876. Ela tinha apenas 11 anos de idade. Mary contraiu tuberculose, como tantos outros prisioneiro da época. Ela morreu aqui com 13 anos de idade.

Hoje, mais de 48.000 jovens vivem em centros de detenção juvenil em todos os Estados Unidos, e outras 5.000 cumprem pena em prisões para adultos. Aqui está o antigo guia de tours de Eastern State, Russell Craig, para compartilhar sua perspectiva em relação ao encarceramento juvenil nos dias de hoje.

### ***RUSSELL CRAIG, ANTIGO GUIA DO TOUR:***

Eu estive em todo tipo de instituição que vocês puderem imaginar: abrigos comunitários, lares adotivos, prisões – tudo, menos def. (TN:

cannot identify what ‘def’ is). Eles me trancafiaram porque descobriram que eu não frequentava a escola. Era como se fosse um crime. Evasão escolar.

Então eles descobriram que eu não tinha pais e que não tinha onde morar, e outras coisas. Então me forçaram a ficar aqui. Porque, você sabe, eu provavelmente teria de cumprir nove meses, algo assim, mas eles me fizeram ficar aqui por muito tempo, acho que três anos.

O centro de detenção para jovens era como uma prisão de verdade, apenas com gente mais nova. Eles te prendem, trocam suas roupas, te colocam numa cela, como se fosse seu quarto, e te trancam lá dentro. As camas eram todas iguais. Como a gente se relacionava uns com os outros, como brigávamos por qualquer coisa, era tudo a mesma coisa. Xadrez, damas, basquete. Flexões de braço e tal... você sabe o que estou dizendo? As instituições e cadeias juvenis são como as cadeias para adultos, só que têm adolescentes.

Como vocês já sabem, eu era guia do tour também, aqui na Eastern State. E atualmente sou um artista. Trabalho com jovens problemáticos. E também desenhei essa imagem de Mary Ash que vocês estão vendo agora.

## **57. APOKALUPTTEIN:16389067:II**

### **JESSE KRIMES, ARTISTA:**

Meu nome é Jesse Krimes e eu fui libertado recentemente de um presídio federal onde cumpri uma sentença de 70 meses por ter cometido infrações sem violência envolvendo drogas: ou seja, quase seis anos. E enquanto estive preso, eu criei o *Apokaluptein:16389067*.

Aí em comecei a fazer essas transferências de imagens em lençóis usados da prisão. Eu usava gel para cabelo que eu comprava do comissário, e colocava o gel no lençol em que eu queria transferir a imagem. Então eu pegava uma imagem recortada do *New York Times*, posicionava com a

imagem para baixo sobre a folha, pegava uma colher de plástico e pressionava a parte de trás da folha na superfície da imagem. Depois eu descascava a imagem e deixava a imagem inversa no papel.

Essas obras eram, na verdade, um tipo de contrabando e eu podia me ferrar por causa delas, então eu fazia tudo isso escondido e montava um painel que, quando estivesse pronto, eu enviava pelo correio. Assim, eu nunca via a obra inteira: era tudo enviado em seções, com 39 lençóis. Eu apenas mantinha uma espécie de figura na minha cabeça sobre como todas as partes se encaixariam quando eu voltasse para casa.

Vale destacar que esta obra, na iteração original, tem 4,5 metros de altura e 12 metros de largura, e foi feita com 39 lençóis da prisão. O Apokaluptein original foi recriado e instalado nesta cela, utilizando o mesmo processo de transferência que o original.

A cela foi dividida em três seções. A seção inferior é a representação do inferno. A seção central é a representação da terra. E a seção mais alta é a representação do céu. A cena do céu segue a arquitetura da cela e sobe até o arco, em direção ao olho de Deus ou a claraboia.

A peça aqui na Eastern State parece a iteração definitiva dessa obra. Concluir esta peça aqui é como concluir... Estou concluindo o projeto, finalmente.

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

A história de como Jesse Krimes conseguiu criar esta enorme obra de arte enquanto esteve presa entre quatro paredes em uma prisão federal é admirável. Se vocês quiserem saber mais, digitem 58 e o botão Play agora.

## 58. APOKALUPTTEIN:16389067:II (EXTENSÃO)

### SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:

A notável história de Jesse nos deixa com todo tipo de pergunta na cabeça. Por exemplo, como ele conseguiu uma edição do *The New York Times* dentro de uma prisão federal? Aqui está Jesse:

### JESSE KRIMES, ARTISTA:

Eu tinha um amigo que me conseguiu uma assinatura do *Sunday Times*. Eu sabia que o jornal viria todos os domingos, mas a prisão também tinha uma assinatura diária do *The New York Times*. O único problema é que era um jornal por dia, mas havia 2.000 pessoas no complexo. Geralmente, o jornal ia para a biblioteca. E fica na biblioteca durante o dia e até o dia seguinte. Aí eles dão o jornal para quem estiver em primeiro lugar na lista, e essa lista foi mantida por anos, e as pessoas pagavam para ficar em uma posição melhor na lista e ganhar seu jornal.

E eu não tinha muito dinheiro, não queria pagar por isto, então caía automaticamente no fim da lista. Então, quando todo mundo já tinha lido o *The New York Times*, eles sabiam que eu queria o jornal velho e me davam, e eu o recortava e usava como matéria prima. Sim, as informações eram bem antigas, mas eu ainda recebia meu *Sunday Times* aos domingos, e era dele que eu tirava a maior parte das imagens, porque elas não estavam desgastadas e a transferência da tinta é melhor com a imagem mais fresca do que aquelas dos jornais que foram manuseados por milhares de pessoas.

Aí em comecei a fazer essas transferências de imagens em lençóis usados da prisão. Primeiro, eu tirava pedaços dos meus próprios lençóis, mas o projeto foi crescendo continuamente e se tornou algo maior, então eu comecei a comprar os lençóis, ilegalmente, de um amigo que trabalhava na lavanderia.

E comecei a dar aulas de arte para outros colegas da instituição. Nesse processo, entrei em contato com o pessoal da recreação, então comecei a

desenvolver algum tipo de relacionamento com eles, que me permitia encomendar materiais no catálogo da Blick (especializado em materiais para arte): papel, lápis, tinta e telas, e todos os materiais de que precisávamos para nossas aulas. Eu encomendei um rolo de lona de tecido da Blick: Eu não tinha a intenção de usá-lo, de fato, mas sabia que tiraria as etiquetas dele e daria a lona para um amigo que é pintor, e o substituiria no rolo pelos meus lençóis e colocaria as etiquetas neles. Então, quando viessem fazer uma inspeção, eles achariam que os lençóis haviam sido comprados na Blick: eles pensariam que era uma lona.

Na verdade, eu contei a alguns guardas o que estava fazendo. E quando eu contei, eles acabaram me dando seu apoio, porque realmente gostavam do meu trabalho. Eles estavam realmente interessados, e vinham falar comigo sobre cada painel que eu fazia, perguntar por que eu estava optando por determinadas imagens e por que eu estava fazendo aquilo. Tudo isto se tornou um processo da minha humanização perante os guardas. E um dos guardas acabou... ele resolveu manter e armazenar o meu trabalho no armário dos funcionários, para que os guardas, quando viessem fazer sua revista, como eles não revistariam esse armário, não encontrassem as obras e as confiscassem. Era como um local seguro garantido onde eu podia manter minha obra até que estivesse concluída e depois enviá-la pelo correio.

## **59. CELA DE AL CAPONE (ATUALIZAÇÃO!)**

### **SEAN KELLEY, DIRETOR DE INTERPRETAÇÃO:**

Oi, eu sou Sean Kelley. Eu sou o Diretor de Interpretação aqui na Penitenciária de Eastern State.

Ultimamente, começamos a especular sobre a veracidade das estórias de Al Capone e que o tratamento especial que ele recebia aqui na Eastern State foi um pouco exagerado.

Sim, como você pode ver na placa, alguns jornais publicaram que ele tinha um tratamento especial aqui. Nossos profissionais têm descoberto outros documentos, contudo, que tornam essa história um pouco menos clara. Um documento diz que Al Capone comprou seu luxuoso rádio de um *ocupante anterior* da mesma cela. Então, talvez os rádios não fossem tão incomuns na Eastern State? Outro documento se refere à cela de Capone. Quer dizer, até que ponto uma cela pode ser considerada luxuosa, se você precisa compartilhá-la com um estranho?

Os repórteres tinham bons motivos para exagerar, então não pensaram duas vezes. Eles queriam vender seu jornal, no final das contas.

Então, Al Capone viveu uma vida de luxo aqui na Eastern State, ou era apenas mais um presidiário típico? Acabamos concluindo que a verdade está em algum ponto entre as duas versões.

Pelo menos, é o que pensamos no momento. É o mais engraçado dessa história é que ele muda constantemente.

## **60. REFLEXÕES DE LGBTIS**

### **ANNIE ANDERSON, GERENTE DE PESQUISA E PROGRAMAÇÃO PÚBLICA:**

Oi, sou Annie Anderson. Eu sou o pesquisadora aqui na Penitenciária de Eastern State.

Há alguns anos, começamos a documentar prisioneiros que, se ainda estivessem vivos hoje, pudessem ter se identificado como gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros ou outros tipos de homossexuais.

Isaac Saguão, enviado para a Eastern State em 1881, nos deixou um ensaio fascinante. Hall foi uma das cerca de 500 pessoas presas na Eastern State por *sodomia* – um termo ambíguo que criminaliza determinados atos sexuais, geralmente entre pessoas do mesmo sexo. Hall recebeu uma

pena muito dura: US\$ 100,00 de multa e oito anos de reclusão na solitária pelo que os registros citam como sexo consensual com um parceiro do sexo masculino.

Ao lado do nome de Hall, em todos os documentos dos tribunais e registros prisionais, encontra-se em letras cursivas perfeitamente legíveis seu apelido “Lady Washington”. Vocês podem ver o auto de acusação de Hall na placa ao lado.

O *Philadelphia Inquirer* publicou que Hall merecia o apelido por, abre aspas, “assumir e representar personagens femininos”. O superintendente da Eastern State, Michael Cassidy, escreveu que Hall era, abre aspas, “conhecido no local em que morava como Lady Washington e que não havia dúvidas de que era do tipo de gente viciada” em sodomia.

À medida que eu analiso esses documentos, fico imaginando se Lady Washington era um homem gay ou uma mulher transgênero?"

Isaac Hall é uma das diversas pessoas LGBTI cujas histórias ficamos conhecendo pelas punições que receberam.

Sabemos que alguns dos prisioneiros sofreram abuso sexual enquanto estiveram presos, mas pelo menos alguns deles parecem ter encontrado afeição e intimidade de verdade por aqui.

Em um lançamento em seu diários em 1940, o Superintendente Herbert Smith escreveu que o prisioneiro Harry LeGarr foi, abre aspas, “denunciado por suspeita de relações não naturais” com seu companheiro de cela Edward Nichols, depois de serem vistos se abraçando e se beijando.

Smith e outros funcionários da prisão classificaram a não conformidade de gênero e atividades sexuais entre pessoas do mesmo sexo como “imorais”, “indecentes”, “asquerosas” e “degeneradas”.

As pesquisas com essas histórias me fazem questionar quem estaria documentando as experiências de prisioneiros LGBTI atualmente. Deve haver uma variedade de histórias complexas que ecoam na luta e na resiliência da Lady Washington da Eastern State.

## **61. UM GUIA PARA O ALPINISTA NA PENITENCIÁRIA DE EASTERN STATE OU A ARQUITETURA DA EASTERN STATE E COMO ESCAPAR**

### **ALEXANDER ROSENBERG, ARTISTA:**

Eu sou Alexander Rosenberg, e o título deste projeto é *A Climber's Guide to Eastern State Penitentiary or, Eastern State's Architecture, and How to Escape It* (Um guia para o alpinista na penitenciária de Eastern State ou a arquitetura da Eastern State e como escapar).

Meu projeto envolve a escalada dos muros externos da Penitenciária de Eastern State. Estou tentando tratar o feito da mesma forma que alguém trataria um local externo nunca escalado. Então estou tentando identificar, classificar e nomear as coisas e em seguida produzir um manual com os dados.

Os guias que estou estudando são, em geral, produções sobre coisas de valor baixo, e tudo é feito com texto simples.

Eu estava lendo sobre uma pessoa que fabricou um objeto utilizando... acho que usaram ripas de cadeiras aqui, e uma espécie de... eram atividades artesanais em que os presos podiam participar. E alguém utilizou material delas para criar um meio de escalar a muralha.

O som é realmente memorável, da escalada da estrutura em plena luz do dia. Quando estou no pátio externo, é extremamente silencioso. E tem esse momento incrível quando você finalmente chega ao topo e salta para o outro lado, e ouve o som da cidade abaixo de você. E isto basta para você virar a cabeça e perceber onde está, e apreciar essa vista incrível.

Tenho a impressão de que as únicas outras pessoas que passaram por esse momento e tiveram esse tipo de sensação sonora e visual dessa vista foram as outras pessoas que também conseguiram superar esta muralha.

## **62. AVIÕES**

### **BENJAMIN WILLS, ARTISTA:**

Meu nome é Ben Wills. Eu sou de Lawrence, Kansas, e escrevo cartas para pessoas que estão cumprindo pena na cadeia, e coleciono aviões de papel deles.

Estou colecionando esses aviões desde 2013. Tenho aviões de todos os estados. E tenho aviões de homens e mulheres na coleção.

Comecei a considerar os aviões de papel um ótimo substituto para as pessoas, certo? Todos compartilham características em comum, mas são incrivelmente diferentes uns dos outros.

Quando estão reunidos no mesmo lugar, acho que assumem uma característica de um coral, mais ou menos. De forma que cada um deles comunica algo sobre si mesmo, como um indivíduo. Mas quando estão todos atuando em conjunto, acho que começam a manter uma mensagem bastante compartilhada das pessoas que estão ansiosas para se comunicarem.

## **64. PRESIDÁRIO EM DESTAQUE: PEP, O CÃO (Extensão)**

### **DICK FULMER, ORIENTADOR CORRECIONAL:**

Olá, este é Dick Fulmer novamente. Em 2003, quando registramos esta versão da chegada de Pep à Penitenciária de Eastern State, eu já havia feito boa parte da pesquisa que constatou a presença dele na penitenciária e nos quatro anos que se passaram desde então, pesquisei mais e acho que

descobri a verdadeira história de como Pep chegou à Penitenciária de Eastern State na Filadélfia.

Encontrei correspondências entre o Governador Gifford Pinchot e o Superintendente John Groome da Eastern State em 1924, nas quais o governador diz que havia lido recentemente que o governador do Maine havia doado um cão à prisão do estado, o que, abre aspas, o “motivou a fazer o mesmo, se você estiver de acordo”. Na sua resposta, o superintendente diz que “gostaria muito de ter um cão doado à Penitenciária de Eastern State... será um ótimo agregado para a comunidade... vamos combinar e organizar a chegada dele à Filadélfia”.

Essas correspondências, para mim, e espero que para vocês também, absolvem Pep do assassinato de qualquer gato e o torna, não um prisioneiro, mas um convidado.

## **67 UMA PIPA ELÉTRICA**

### **EILEEN SHUMATE, ARTISTA:**

Oi, eu sou Eileen.

### **HEIDI RATANAVANICH, ARTISTA:**

Sou a Heidi.

### **MICHAEL MCCANNE, ARTISTA:**

Eu sou Michael, e somos a Ilha Provisória.

### **EILEEN SHUMATE, ARTISTA:**

Esta peça se chama “An Electric Kite” (Uma pipa elétrica).

### **MICHAEL MCCANNE, ARTISTA:**

Sim, que é – uma pipa é como um meio de comunicação em um presídio, como uma nota que você passa para outro ponto do bloco de celas.

**HEIDI RATANAVANICH, ARTISTA:**

Nosso projeto envolve duas celas.

**EILEEN SHUMATE, ARTISTA:**

Em um cela, há uma reconstituição de um transmissor instalado em um livro, semelhante à forma como muitos prisioneiros escondem os transmissores que fazem

**MICHAEL MCCANNE, ARTISTA:**

E na cela em frente, vocês verão um rádio autorizado pela prisão. Qualquer coisa que você ouvir no rádio está sendo transmitido pela cela transmissora.

**HEIDI RATANAVANICH, ARTISTA:**

Os prisioneiros fizeram esses transmissores domésticos com material que encontraram por aí.

**MICHAEL MCCANNE, ARTISTA:**

O primeiro que encontramos – a primeira versão, era de um prisioneiro na Alemanha, e o que está na cela é uma réplica dela... uma réplica do transmissor, mas é... sabem, o prisioneiro achava um componente eletrônico, outro rádio, e tirava os transistores e os capacitores, os fios, e basicamente construía um transmissor bem simples.

**EILEEN SHUMATE, ARTISTA:**

E o utilizavam para se comunicar entre as celas, em outros blocos, para poderem alertar os companheiros do que estava acontecendo na prisão, para poderem ouvir programas do lado de fora.

**MICHAEL MCCANNE, ARTISTA:**

As ondas de rádio passam pelas paredes das prisões, e podem transcender essas... essas paredes e aquela limitação da liberdade.

**HEIDI RATANAVANICH, ARTISTA:**

Convidamos vocês a entrarem na cela onde está o rádio e sintonizá-lo na transmissão.

## **68 DORIS JEAN**

### **RACHEL LIVEDALEN, ARTISTA:**

Oi, meu nome é Rachel Livedalen. Eu sou artista interdisciplinar e esta é minha obra, intitulada "Doris Jean".

Doris Jean foi uma herdeira rica da Filadélfia, e em 1955 ela conheceu Earl Ostreicher, e eles fugiram juntos. Dois meses depois da fuga, Doris se viu em um casamento infeliz, grávida e houve alegações de que ele a maltratava e ela já havia voltado para a Filadélfia, para a casa dos pais.

O aborto era ilegal na época, então ela e sua mãe planejaram um aborto no apartamento de Milton e Rosalie Schwartz. Milton trabalhava em um bar e Rosalie em um salão de beleza. E Doris infelizmente morreu logo depois do aborto.

Milton e Rosalie cumpriram pena, o barman e a cabeleireira. E Milton cumpriu sua pena aqui na Eastern State.

Doris tinha 22 anos, e é interessante como muitos artigos nos jornais a descreviam como uma linda ruiva de 22 anos.

A mãe de Doris, Gertrude Silver, nunca foi condenada. O juiz determinou que ela sofreu um trauma psicológico muito forte com todos esses eventos. Mas na sua confissão, ela contou sobre o desespero de Doris Jean, e explicou que ela estava apenas tentando ajudar sua irmã – que você faria qualquer coisa para proteger seu filha.

## **91 TERROR POR TRÁS DAS PAREDES**

**BRETT BERTOLINO, DIRETOR DE OPERAÇÕES:**

Eu sou Brett Bertolino, Diretor de Operações aqui na Penitenciária de Eastern State. Espero que vocês perdoem nossa presença. Fazemos o melhor que podemos para evitar que nosso evento de arrecadação de fundos no Halloween, *Terror Behind the Walls* (o terror por trás das paredes) distraia nossos visitantes durante o dia; mas alguns equipamentos e escoras não têm como serem escondidos da vista.

Nosso primeiro evento no Halloween ocorreu em 1991. Na verdade, os tours pela prisão não começaram até três anos depois que já havíamos arrecadado fundos nos primeiros eventos de Halloween. Atualmente, o *Terror por trás das paredes* tem crescido e se tornou uma das principais e mais sofisticadas atrações do país. Contamos com mais de 200 atores e efeitos especiais com qualidade de Hollywood. A atração se mantém constantemente entre uma das dez melhores casas mal-assombradas dos Estados Unidos – e serve para financiar uma boa causa. *O Terror por trás das paredes* é a principal e a única fonte de renda deste monumento histórico. Ele já financiou novos telhados em todo o complexo penitenciário, um sistema extensivo de combate a incêndios, e nos permitiu criar exposições, obras de artistas e até este tour de áudio.

O *Terror por trás das paredes* não é apenas uma das casas mal-assombradas mais medonhas da América; também está ajudando a salvar este lindo e fascinante monumento histórico nacional.

**(FIM)**